

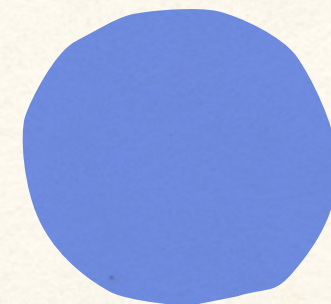


diz

ai



# diz aí juventudes





# sumário

## apresentação

### 1. fazer a roda

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| DIZ AÍ, UMA EXPERIÊNCIA DE REDES COM AS JUVENTUDES | 10 |
|----------------------------------------------------|----|

|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| LUZ, CÂMERA E EDUCAÇÃO: CANAL FUTURA | 13 |
|--------------------------------------|----|

|                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------|----|
| UMA ALIANÇA PARA ENFRENTAR A POBREZA EM TODAS AS SUAS FORMAS | 15 |
|--------------------------------------------------------------|----|

### 2. provocar a fala

|                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------|----|
| ENTREVISTA: COMO TOMAMOS CONSCIÊNCIA DO NOSSO PAPEL POLÍTICO? | 22 |
|---------------------------------------------------------------|----|

|                                                            |    |
|------------------------------------------------------------|----|
| ESTATUTO DAS JUVENTUDES 12 ANOS DEPOIS: AVANÇOS E DESAFIOS | 28 |
|------------------------------------------------------------|----|

|                                        |    |
|----------------------------------------|----|
| (DES)ENVOLVIMENTO DE LIDERANÇAS JOVENS | 34 |
|----------------------------------------|----|

|                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------|----|
| JUVENTUDES E TERRITÓRIOS: ESCUTA QUALIFICADA E DEMOCRACIA | 40 |
|-----------------------------------------------------------|----|

|                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------|----|
| STORYTELLING: CRIANDO NARRATIVAS COLETIVAS DE IMPACTO SOCIAL | 46 |
|--------------------------------------------------------------|----|

|                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|
| CASA DE FARINHA - MÍDIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTA DE MOBILIZAÇÃO E EDUCAÇÃO | 51 |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|

### 3. ouvir

#### MAPA DAS ESCUTAS

66

### 4. transformar em ação

|                                                     |    |
|-----------------------------------------------------|----|
| METODOLOGIA DIZ AÍ JUVENTUDES E ALGUNS APRENDIZADOS | 74 |
|-----------------------------------------------------|----|

|                                            |    |
|--------------------------------------------|----|
| • Indicadores de monitoramento e avaliação | 78 |
| • Cartografia das oficinas                 | 81 |

|            |    |
|------------|----|
| ATIVIDADES | 82 |
|------------|----|

|                  |    |
|------------------|----|
| CURTAS EM DEBATE | 95 |
|------------------|----|

|                                             |    |
|---------------------------------------------|----|
| • São Luís   Diz Aí Juventudes              | 95 |
| • Tucumã   Diz Aí Juventudes                | 96 |
| • Reséx do Rio Gregório   Diz Aí Juventudes | 96 |
| • Serra Pelada   Diz Aí Juventudes          | 97 |

### 5. multiplicar

|          |  |
|----------|--|
| MARANHÃO |  |
|----------|--|

|                                         |     |
|-----------------------------------------|-----|
| • Rede de Prosperidade Familiar - CIEDS | 100 |
| • Instituto Formação                    | 101 |

|          |  |
|----------|--|
| AMAZONAS |  |
|----------|--|

|                                 |     |
|---------------------------------|-----|
| • Fundação Amazônia Sustentável | 103 |
|---------------------------------|-----|

|      |  |
|------|--|
| PARÁ |  |
|------|--|

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| • Estação Conhecimento Tucumã | 105 |
| • Rede Terra - Serra Pelada   | 106 |





# apre- sentação

## apresentação

Esta publicação está organizada em seções:

Em **Fazer a roda**, apresentamos uma visão geral do **Diz Aí** e os fundamentos que motivaram a realização do projeto na cooperação entre a Fundação Roberto Marinho, o Canal Futura e a Vale.

Na seção **Provocar a fala**, convidamos especialistas, a partir dos eixos estruturantes do **Diz Aí**, para compartilhar reflexões sobre a ação com as juventudes.

Já em **Ouvir**, apresentamos os relatos das(dos) jovens quanto à sua participação no projeto e o mapa das escutas produzido durante as oficinas.

Em **Transformar em ação**, apresentamos a metodologia do **Diz Aí**, os indicadores de monitoramento e avaliação, bem como algumas das dinâmicas e atividades propostas nas formações.

Por fim, na seção **Multiplicar**, convidamos a rede sociopedagógica que atuou conosco em cada território para compartilhar suas ações no enfrentamento à pobreza extrema.





# fazer a roda

Esta seção apresenta o **Diz Aí** e os posicionamentos estratégicos das alianças institucionais que motivaram a realização desta edição do projeto.



## DIZ AÍ, UMA EXPERIÊNCIA DE REDES COM AS JUVENTUDES

O **Diz Aí Juventudes** é uma formação em mobilização social, que utiliza o audiovisual como dispositivo para a criação de narrativas com as juventudes sobre os seus territórios, promovendo espaços democráticos de diálogos e convivência.

O projeto, realizado desde 2008, é fruto de uma articulação entre o Futura, universidades parceiras e organizações da sociedade civil, com o objetivo de colaborar para a transformação social dos territórios, investindo na escuta e na potência da ação coletiva das juventudes. Ao longo da sua trajetória, o **Diz Aí** foi realizado em diferentes formatos e temáticas, refletindo as experiências, urgências e agendas de cada território nas edições do projeto.

### DIZ AÍ JUVENTUDES EM NÚMEROS

16

edições

4

países

20

estados  
do Brasil

450

instituições  
mobilizadas\*

1.400

jovens (participantes das formações, fóruns,  
webinars e gravações do projeto)

\* ONGs, coletivos, universidades, institutos, secretarias e órgãos governamentais

Esta publicação faz parte da 16ª edição do **Diz Aí Juventudes**, realizada por meio de uma cooperação entre a Vale, a Fundação Roberto Marinho e o Canal Futura. A formação contemplou 106 jovens dos estados do Pará (Serra Pelada e Tucumã), Maranhão (São Luís) e Amazonas (reserva extrativista do Rio Gregório), territórios que integram a iniciativa de enfrentamento à pobreza extrema da Vale.

Foram 6 meses de formação, presencial e online, com profissionais do audiovisual, de mídias digitais e educadores sociais. Além dos componentes técnicos, o projeto desenvolveu com os participantes temas transversais como direitos humanos, cidadania, liderança, educação ambiental e mudanças climáticas, o enfrentamento às desigualdades, equidade racial e de gênero, entre outros.

Os conteúdos sequenciados em oficinas fazem parte de um amplo espectro de ferramentas e dispositivos de análise que contribuem para que os participantes elaborem com autonomia suas leituras do território e de suas condições de vida. Isso significa, em última instância, trabalhar o desenvolvimento do pensamento crítico, o autoconhecimento, os sonhos e as imaginações de futuros possíveis.

As formações, em cada território, dão origem a uma série audiovisual documental cocriada com os participantes, exibida nas telas do Futura e no Globoplay. Como parte de um único projeto, podemos ver nas telas vivências das juventudes nos contextos urbano, rural e de floresta.

A metodologia do **Diz Aí** é adaptativa, fundamentada em princípios da educação popular e da educação midiática, com a valorização dos saberes dos participantes, dos territórios e da rede sociopedagógica envolvida no processo de formação.

Aprendemos em rede, aprendemos conectados, aprendemos nas trocas uns com os outros, aprendemos com as experiências. Acreditamos que o processo de aprendizagem não é encerrado quando finalizamos um ciclo, trata-se de uma constante descoberta para a vida toda. O que não é diferente com os projetos: acumulamos experiências, ajustamos rotas, aprendemos com os fluxos e processos, com as dinâmicas de cada território. Por tanto, esta publicação tem como objetivos:

- Compartilhar a metodologia utilizada no projeto a fim de incentivar a adoção de metodologias semelhantes por outras iniciativas;
- Promover a troca de conhecimento com as redes sociopedagógicas;
- Documentar o processo para futuras referências;
- Divulgar práticas e lições aprendidas no desenvolvimento de narrativas coletivas multimídia de impacto social.



Não há um único modo de fazer, são múltiplas as possibilidades e agências com as juventudes e os territórios. Compartilhamos aqui as metodologias e reflexões que estruturaram o projeto **Diz Aí Juventudes**, dando conta de cinco eixos fundamentais:

- Mobilização e participação social;
- Juventudes e territórios;
- Desenvolvimento de liderança juvenil;
- Construção de narrativas coletivas;
- Audiovisual como ferramenta de mobilização e educação.

**Boa Leitura!**

**Bruna Camargos**

Líder de projetos - Fundação Roberto Marinho



## LUZ, CÂMERA E EDUCAÇÃO: CANAL FUTURA

*Nós acreditamos que a aliança entre  
Educação e Comunicação transforma  
as pessoas e a sociedade.*

O Futura é uma experiência pioneira de comunicação para transformação social que, desde 1997, opera a partir de um modelo de produção audiovisual educativa, participativa e inclusiva. É uma realização da Fundação Roberto Marinho e resultado da parceria estratégica entre organizações da iniciativa privada unidas pelo compromisso de investir socialmente.

### Para além da tela

Há quase 30 anos, o Canal Futura vem reafirmando o seu compromisso com a educação no Brasil, atuando na mobilização e produção de conteúdos com foco na agenda social do país. A atuação do Futura se baseia em dois pilares: narrativas diversas e produção em rede, originando um processo permanente de diálogo e de relações com educadores, com as juventudes, com produtores independentes, com movimentos sociais e culturais, com instituições públicas, privadas e não governamentais.

A **diversidade das narrativas** emerge da interlocução entre os realizadores externos e a equipe do canal. Esse diálogo incorpora temas, perspectivas e estéticas à dinâmica do Futura, trazendo novos olhares, histórias e representatividade com a valorização de diferentes saberes, fazeres, vivências e culturas.

A **produção em rede** com universidades parceiras, organizações da sociedade civil, criadores, educadores, pesquisadores e produtores independentes nos permite uma abordagem atual e múltipla, favorecendo a diversidade e o conhecimento de causas relevantes de diferentes grupos sociais.

O Canal Futura está comprometido com a difusão ampla e gratuita de conteúdo educativo de qualidade para a construção de uma sociedade plural, livre, autônoma e responsável. Estamos presentes gratuitamente nas principais operadoras de TV, nas TVs universitárias parceiras e no Globoplay. Nossos conteúdos extrapolam os limites da televisão e estão presentes no site do Futura, nas nossas redes sociais e na plataforma co.educa, na qual são disponibilizados



e classificados em diferentes formatos para uso em sala de aula. Vale destacar ainda a atuação nos territórios com projetos longevos e bem-sucedidos como **A Cor da Cultura**, **Crescer Sem Violência**, **Maleta Futura** e **Diz Aí Juventudes**. Desejamos fazer cada vez mais juntos, de forma colaborativa, descentralizada e participativa.

*É no Futura que a gente se encontra.*

**Mariana Seivalos**  
Supervisora do Futura

## UMA ALIANÇA PARA ENFRENTAR A POBREZA EM TODAS AS SUAS FORMAS

O enfrentamento à pobreza extrema é um dos desafios sociais mais urgentes e complexos do nosso tempo e, portanto, o primeiro Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS 1), cuja meta é erradicar a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares, tendo como lema “leave no one behind” (“não deixar ninguém para trás”). Ele expressa o fato de que o desenvolvimento econômico não se traduz naturalmente em acesso a direitos e serviços essenciais para todos: sabe-se que, mesmo em programas sociais robustos de universalização de direitos essenciais, há grupos – como as populações negras, mulheres, povos originários, pessoas com deficiência e da comunidade LGBTQIA+, entre outras – que são sistematicamente deixados para trás.

Segundo o relatório mais recente produzido pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas e pela Iniciativa Oxford Poverty and Human Development, que mede a pobreza multidimensional, há 1,1 bilhão de pessoas em situação de extrema pobreza no mundo em um universo de 6,3 bilhões.

A pobreza extrema vai além de ter pouco dinheiro. Inclui também o acesso limitado à saúde, à educação e a outros serviços básicos, moradias inadequadas e insegurança alimentar. Isso tudo está conectado e contribui para contextos de pobreza que limitam a autonomia e a liberdade das pessoas pelas diversas privações de acesso a direitos fundamentais.

Uma questão complexa, que envolve, também, a comunicação, num mundo cada vez mais mediado por narrativas e tecnologias. Qual é o papel da comunicação no enfrentamento à pobreza extrema? Como superar os estereótipos que estigmatizam as pessoas em situação de pobreza? Como mobilizar a sociedade no debate? Que soluções e narrativas estão presentes nos territórios que podem qualificar as ações e o debate público?

É no campo da comunicação que a cooperação entre a Vale, a Fundação Roberto Marinho e o Canal Futura se insere no contexto da aliança de enfrentamento à pobreza extrema, para ampliar, em todo o país, o alcance das informações e dos conteúdos sobre o tema. Entre os objetivos do projeto estão a formação e mobilização de juventudes (**Diz Aí Juventudes**), documentação e difusão de conteúdos relacionados à temática (documentários) e o fomento do debate nacional sobre o enfrentamento à pobreza com a qualificação das informações divulgadas pelos meios de comunicação (seminários, formação e bolsa para reportagem).



## Um desafio multidimensional pede uma solução multissetorial

No conjunto de metas globais assumidas publicamente pela Vale, tendo como horizonte o ano 2030, está o compromisso de apoiar a saída de 500 mil pessoas da situação de pobreza extrema, em alinhamento com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS, 2015), chamado global da ONU para o enfrentamento da pobreza, a proteção do planeta, paz e prosperidade para todas as pessoas, sem distinção. Sede da Vale e principal território de sua atuação, o Brasil é referência global em programas e políticas públicas de combate à pobreza extrema, cuja incidência ainda é enorme no país. Por isso, ainda que o compromisso seja com uma iniciativa global, a Vale decidiu iniciar e concentrar as ações do programa no Brasil.

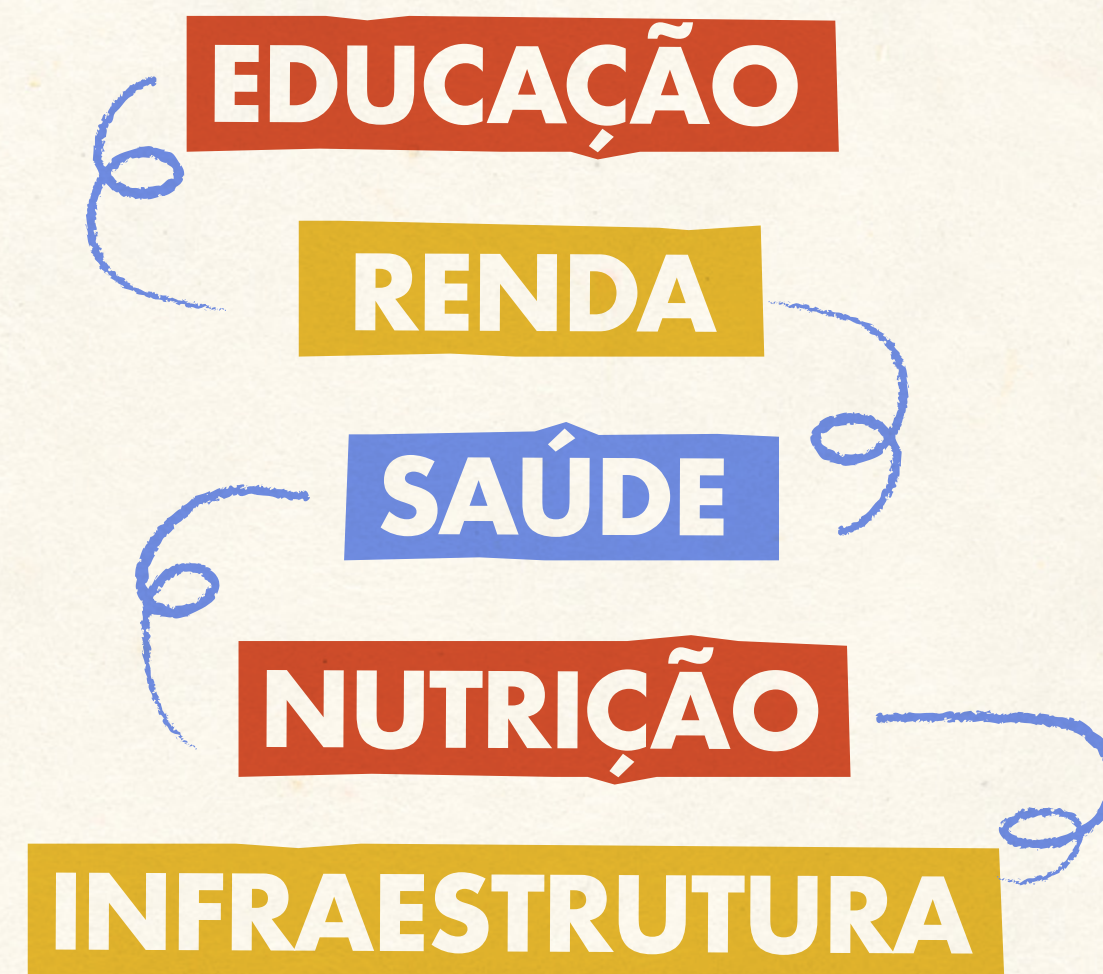
Entendemos a pobreza como um fenômeno multidimensional, que não se dá de forma homogênea. Ela assume diferentes formas em contextos rurais, urbanos e de floresta. Quando olhamos para o desafio com essa lente ampliada, multidimensional e contextualizada, verificamos que muita gente ainda vem sendo deixada para trás – o que exige de nós uma abordagem diferente e novas estratégias de atuação.

Superar a pobreza é garantir o acesso a direitos essenciais ou, em outras palavras, assegurar a alguém a liberdade de fazer escolhas para sua vida. Além de construir condições objetivas – de curto e longo prazos – para mudar essa realidade, em uma interface permanente com as políticas públicas existentes, temos que contribuir para que essas famílias sejam protagonistas de suas trajetórias e possam imaginar outros futuros possíveis.

Para alcançar resultados consistentes e duradouros, precisamos trabalhar na construção de uma perspectiva de autonomia e de liberdade. O enfrentamento da pobreza exige, portanto, metodologia e estratégias de implementação construídas a várias mãos, monitoramento e aprimoramento contínuos e sensibilidade. Conscientes da nossa responsabilidade e capacidade de articulação, buscamos atuar em parceria com o poder público e com a sociedade civil e apoiar o fortalecimento de políticas públicas. Não estamos sozinhos nessa causa. Atuamos em rede. Ou seja, num universo em que a inteligência coletiva de empresas, da filantropia, da academia e da sociedade civil se soma ao poder público, queremos ser capazes de produzir soluções inovadoras em escala para fortalecer as políticas públicas, deixando um legado de longo prazo.

## Uma metodologia adaptativa

Metodologicamente, adotamos a compreensão da pobreza como um fenômeno multidimensional e uma abordagem voltada para o Acompanhamento Familiar Multidimensional (AFM). O foco, portanto, é nas famílias<sup>1</sup>, no acompanhamento e no encaminhamento para as políticas públicas e para os programas sociais existentes em cada localidade, verificando os impactos no cotidiano e a situação de vulnerabilidade encontrada. O que se propõe é a elaboração, em conjunto com cada família e a partir de seu contexto particular, de um plano de ação em cinco dimensões que estruturam o processo de saída da situação de pobreza extrema:



Para a seleção das dimensões e indicadores de violação, analisamos diferentes modelagens utilizadas globalmente e optamos pela adoção do modelo teórico de Alkire e Foster. Este modelo permite identificar e monitorar a situação das famílias

<sup>1</sup> Conceito de família do programa: o conjunto de pessoas unidas por laços consanguíneos, afetivos e/ou de solidariedade, cuja sobrevivência e reprodução social pressupõem obrigações recíprocas e o compartilhamento de renda ou dependência financeira.



apoando a tomada de decisões para o enfrentamento da condição de pobreza multidimensional. Uma vez desenvolvido o plano, inicia-se um processo de Acompanhamento Familiar Multidimensional, que visa encaminhar a família para as políticas públicas e programas sociais existentes ao seu alcance, e em seguida verificar os impactos no cotidiano e na evolução da situação familiar. Trata-se de uma metodologia adaptativa, a ser constantemente aprimorada até 2030, a partir do diálogo e da experiência prática.

Este posicionamento metodológico pode ser melhor compreendido a partir das seguintes premissas:

#### **1. DIFERENTES CONTEXTOS**

Nossa abordagem considera as diferentes particularidades, características e desafios específicos de cada território: urbano, rural e floresta.

#### **2. POBREZA MULTIDIMENSIONAL**

Entendemos a pobreza extrema como um fenômeno multidimensional, que não se define apenas pela renda, mas por um conjunto de privações em educação, saúde, nutrição e infraestrutura.

#### **3. METODOLOGIA ESTRUTURADA**

Nossa iniciativa é multissetorial e atua em parceria com governos, instituições da sociedade civil e outras corporações, fortalecendo as políticas públicas, em especial o Programa de Atenção Integral à Família (PAIF).

#### **4. ATUAÇÃO EM REDE E INTERSETORIALIDADE**

Nossa iniciativa é multissetorial e apartidária (ou suprapartidária), e atua em rede para aumentar a escala do impacto. Todos os atores – empresas, academia, ONGs, sociedade civil e governos – são relevantes e têm papéis distintos.

#### **5. OLHAR FOCALIZADO**

Atua com um olhar focalizado nas pessoas que são, sistematicamente, deixadas para trás. As estratégias adotadas se relacionam à afirmação dos direitos humanos fundamentais (sociais, individuais, políticos, econômicos, culturais e ambientais) e ao enfrentamento de suas violações.

Desejamos que tanto a metodologia do projeto quanto as ações e iniciativas da aliança possam contribuir para as soluções efetivas de erradicação da pobreza, em última instância para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

**Vale**





# provocar a fala

Esta seção apresenta análises e reflexões de especialistas que atuam com as juventudes. São artigos e entrevistas que abordam diferentes dimensões dos eixos estruturantes do **Diz Aí Juventudes:**

## **Mobilização e participação social;**

- Juventudes e territórios;
- Desenvolvimento de liderança juvenil;
- Construção de narrativas coletivas;
- Audiovisual como ferramenta de mobilização e educação.

O objetivo é compartilhar perspectivas e ações que colaborem com a fundamentação de iniciativas com as juventudes.





## ENTREVISTA

# COMO TOMAMOS CONSCIÊNCIA DO NOSSO PAPEL POLÍTICO?

Eliana Sousa Silva<sup>1</sup>

Eliana Sousa Silva é paraibana, cresceu na Nova Holanda, uma das 16 favelas da Maré, onde morou por 30 anos e desde muito cedo começou a atuar como ativista e acadêmica. Educadora e uma das criadoras da Redes de Desenvolvimento da Maré, é formada em português – literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com mestrado em educação e doutorado em serviço social, ambos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Consultora na iniciativa da Vale de enfrentamento à pobreza extrema, Eliana é uma das principais vozes no tema. Nosso encontro para esta entrevista ocorreu on-line numa terça-feira à noite véspera de feriado. O que poderia ser mais uma tarefa em um dia de trabalho resultou numa conversa afetiva e inspiradora sobre direitos humanos e vida digna na contemporaneidade. Esse é o efeito de encontrar alguém que defende de forma radical a vida e o direito à imaginação.

**[Bruna Camargos] Eliana, como você vê o papel da juventude no engajamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e na construção de uma agenda de mudança para o futuro?**

[Eliana Sousa Silva] Pensar na juventude é pensar no futuro, em como essas pessoas vão agir, atuar no mundo em que querem viver. Os ODS são diretrizes para refletirmos sobre questões ainda não resolvidas no mundo e que, de alguma maneira, precisamos trazer para a agenda do país.

Engajar os jovens significa ampliar seu olhar para além de suas demandas específicas. Trazer os ODS para esse debate é deslocar os jovens para uma perspectiva de mundo maior do que aquela à qual eles estão circunscritos. Pensando um pouco na minha trajetória, quando comecei a sair da favela e a circular pela cidade, percebi que também fazia parte dela e tinha direito de acessar seus espaços. Só compreendi isso ao vivenciar essa experiência.

Mais do que um conceito teórico, os ODS precisam ser experimentados.

<sup>1</sup> Entrevista concedida a Bruna Camargos em 19/11/2024.

Quando falamos sobre erradicação da pobreza, o que significa vivenciar esse objetivo? Muitos jovens que crescem em áreas de extrema pobreza não têm plena consciência dos impactos dessa condição porque sua visão de mundo é moldada pela família e pelo repertório a que têm acesso. O projeto **Diz Aí** buscou exatamente isso: proporcionar uma leitura do território a partir da pobreza extrema, sem naturalizá-la.

A vivência dos ODS é essencial. Questões como a violência contra a mulher precisam ser desnaturalizadas por todos. Para os jovens, isso deve estar presente em suas pautas, agendas, cotidiano, projetos e sonhos.

A apropriação dessas agendas é fundamental. Será que todos estão realmente contextualizados sobre os problemas do Brasil? Se conseguirmos que essas questões sejam compreendidas desde a infância, trabalhadas nas escolas desde cedo, teremos crianças que crescerão construindo seus sonhos e futuros a partir dessa perspectiva de enfrentamento. A importância de trabalhar os ODS com os jovens está justamente nesse ponto: fazer com que eles se reconheçam como agentes responsáveis por superar os desafios propostos. O que significa erradicar a pobreza? O que os jovens pensam sobre isso? O que pode ser feito?

Há uma dimensão de engajamento, formação e ativismo político. A partir desse conteúdo, os jovens podem olhar para questões fundamentais, contribuir para superar as dificuldades do país e levar esses processos para uma agenda política concreta. Isso é essencial, pois vivemos em um país que conquistou a democracia, mas que ainda está longe de ser plenamente democrático. Enquanto crianças morrem por balas disparadas pelo próprio Estado, essa democracia permanece incompleta.

Cada ODS carrega uma agenda política que os jovens devem assumir como bandeira. O que estamos fazendo até 2030 para enfrentarmos esses desafios? Como a juventude está se organizando para lidar com essas questões?

**[Bruna Camargos] Trabalhar com juventudes e territórios é sempre desafiador, especialmente quando lidamos com jovens que precisam lutar diariamente para sobreviver. Há aqueles já engajados, que acessaram projetos sociais ou universidades, mas também há muitos que ficaram de fora desses espaços. Como envolver essa juventude na construção de uma consciência política?**

[Eliana Sousa Silva] Essa questão me acompanha há muito tempo. Como tomamos consciência do nosso papel político? Sempre me coloquei diante dessa pergunta, principalmente por ter vivido essa experiência muito jovem. Aos 22



anos, fui presidente de uma associação de moradores da favela onde cresci, uma experiência que reforçou minha valorização das leituras territoriais. Para mim, é essencial olhar para o todo, e não apenas para questões isoladas.

Acredito que os jovens precisam ser expostos a uma leitura crítica da realidade e ter acesso a todas as possibilidades. Passei por experiências, como projetos com a Fiocruz, que me ajudaram a compreender melhor meu território, ampliando minha visão sobre seus desafios.

Isso me fez perceber que meu interesse nunca foi atuar apenas em temas específicos, mas no território como um todo, com todas as suas complexidades. Tento reproduzir esse olhar diariamente na Redes da Maré, buscando entender o que estrutura a desigualdade. Sempre foi desafiador pensar em como formar uma juventude que dará continuidade a esse trabalho.

São mais de 40 anos de atuação. Comecei aos 15 ou 16 anos e, até hoje, reflito sobre a continuidade desse trabalho. A grande questão é: como envolver as pessoas para que tomem consciência de sua própria condição? Como fazê-las entender que as mudanças começam dentro de cada um e, a partir desse reconhecimento, gerar transformações? Esse é um processo mental, físico e emocional. Já vi jovens permanecerem por anos em projetos sem conseguirem perceber essa transformação dentro de si. Esse, talvez, seja o maior desafio do meu trabalho.

Em 2024, conduzi uma experiência com um curso sobre liderança e processos de transformação. São 40 jovens das favelas da Maré, todos inseridos em projetos distintos da rede. Durante um ano, com encontros mensais, discutimos o papel das lideranças, como elas se formam e como podem estruturar processos menos personalistas, mais coletivos e voltados para a consciência de sua própria realidade.

Percebo que alguns jovens, com um mínimo de estímulo, se destacam e assumem a liderança naturalmente. Outros, mesmo engajados, têm dificuldade de desenvolver uma leitura mais ampla sobre sua condição. No entanto, sei que esse trabalho não depende apenas de mim. Outras pessoas já estão assumindo essa missão, e essa continuidade é essencial.

Um ponto fundamental nesse processo é a inventividade. Criar um ambiente onde as ideias possam surgir e se transformar constantemente é indispensável. Nada está pronto, tudo está sendo construído com os recursos e inteligências disponíveis. Essa dinâmica está no cerne da metodologia da Redes da Maré: responder às demandas conforme elas surgem, sem tentar controlar rigidamente os processos.

Esse ambiente inventivo e criativo tem um forte impacto na formação. Ousar é essencial para os jovens. Quando eles são incentivados a experimentar, grandes aprendizados emergem. Eu mesma aprendi muito na vivência. A universidade nos dá acesso a conceitos e teorias, mas a experiência prática é o diferencial. Muitas vezes, a teoria só faz sentido quando temos uma vivência correspondente. Essa combinação entre teoria e prática é fundamental para a construção do conhecimento, como propõe a ideia de práxis de Marx: uma prática reflexiva sobre os processos de transformação social.

**[Bruna Camargos] Falando em ousadia, um dos desafios que enfrentamos está relacionado à dificuldade que muitos jovens têm de sonhar. Nessa experiência do Diz Aí Juventudes, quando perguntamos para os jovens sobre seus sonhos, individuais e coletivos, muitas vezes percebemos bloqueios. Você também vê essa dificuldade? Qual é a importância dos sonhos para você?**

[Eliana Sousa Silva] Muitas vezes, nossos sonhos são roubados cedo demais. Realizamos um diagnóstico da primeira infância na Maré e percebemos que, desde cedo, as crianças enfrentam problemas sociais tão graves que sequer conseguem sonhar com um futuro diferente.

Tomar consciência dessa condição é o primeiro passo para recuperar a capacidade de sonhar. Quando compreendemos que nos foram negadas oportunidades, podemos lutar para acessá-las de outra forma. Esse processo não deve se limitar a um sentimento de injustiça, mas sim se transformar em ação para mudar essa realidade.

Os jovens precisam perceber que podem traçar uma trajetória diferente. Trabalhar com juventude é trabalhar com sonhos e desejos. Se queremos enfrentar a pobreza, por exemplo, precisamos criar espaços para que esses jovens visualizem um futuro em que suas condições serão diferentes das que vivenciam hoje.

Meu maior sonho é viver em um mundo onde a violência não seja naturalizada. Desejo que as crianças possam crescer em segurança, sem medo, porque sei que uma infância protegida resulta em adultos mais conscientes e sensíveis. Já testemunhei a morte de uma criança de três anos, assassinada por um tiro disparado por um policial. Esse tipo de tragédia não pode ser aceito como normal.

Quero um mundo onde possamos sonhar com mudanças reais e acreditar que elas são possíveis.



**[Bruna Camargos] Para encerrar, qual é a importância do audiovisual na construção de narrativas e no fortalecimento dessas lideranças?**

[Eliaana Sousa Silva] O audiovisual é uma forma de expressão artística que muitas vezes nos permite comunicar uma questão sem depender exclusivamente da palavra ou do discurso. Vejo o audiovisual como um meio de deslocamento para outra linguagem, que pode aproximar realidades e conectar diferentes perspectivas.

A imagem tem um papel essencial nesse processo. Quando as pessoas se veem representadas nas produções audiovisuais, elas experimentam um distanciamento que permite uma nova leitura sobre suas próprias vidas e condições. Já tive experiências em que uma pessoa, já reconhecida como liderança em seu território, passou a enxergar sua própria trajetória de maneira mais clara ao se ver em um vídeo. Esse processo traz um fortalecimento da identidade e da segurança em relação às pautas que defendem, algo que, muitas vezes, elas mesmas não reconheciam com tanta confiança.

O audiovisual também cumpre um papel político e criativo. Além de ser uma ferramenta de expressão artística, ele permite registrar memórias e construir um arquivo de histórias que poderiam se perder. O simples fato de uma conversa estar gravada amplia seu potencial de impacto, possibilitando que ela seja ressignificada em diferentes contextos e acessada por públicos diversos.

Outro aspecto fundamental do audiovisual é a sua capacidade de tradução de processos. Muitas vezes, ao falar de pobreza, favela ou periferia, encontramos públicos que não compreendem essas realidades. O audiovisual torna possível apresentar essas vivências de forma acessível, criando pontes entre diferentes contextos. No caso do programa sobre pobreza extrema, os vídeos produzidos pelos jovens no projeto **Diz Aí** terão esse papel de traduzir e comunicar suas próprias realidades. Quando as pessoas do território se veem nesses registros, há um reconhecimento imediato de suas histórias, o que gera um impacto político e pedagógico profundo.

O audiovisual é, portanto, um recurso essencial na construção e no fortalecimento de narrativas, registros e lideranças. Ele amplia a visibilidade de temas fundamentais e fortalece processos coletivos de aprendizado e mobilização.





## ESTATUTO DAS JUVENTUDES 12 ANOS DEPOIS: AVANÇOS E DESAFIOS

por Jaqueline Lima Santos <sup>2</sup>

Em 5 de agosto de 2013, foi promulgado o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013). A data marca a conquista de uma agenda construída pelas juventudes ao longo de décadas e concretiza a perspectiva deste segmento geracional como sujeito de direitos em suas pluralidades pelo Estado brasileiro. O documento apresenta direitos, princípios e diretrizes que orientam a construção de políticas e programas direcionados para pessoas de 15 a 29 anos.

Como resultado do protagonismo e participação das juventudes em instâncias democráticas, como conferências, conselhos, comissões e fóruns que conectam representações da sociedade civil com agentes públicos, o Estatuto da Juventude expressa a diversidade das juventudes brasileiras. Este marco legal, além de apresentar direitos universais, também considera as categorias de raça/cor, etnia, gênero, sexualidade, território, religião, classe social e deficiências para definir direitos específicos para grupos que, devido a aspectos sócio-históricos como a colonização e a escravização, que definiram a estrutura do país, sofrem mais com a violação dos direitos, com as desigualdades e com a negação de oportunidades.

Desta forma, o Estatuto da Juventude, embora no singular em seu título, é um marco exemplar sobre como considerar as diferenças interseccionais existentes na população brasileira. As juventudes são negras, indígenas, quilombolas, brancas, asiáticas, masculinas, femininas, não binárias, LGBTQIAPN+, heterossexuais, católicas, protestantes, candomblecistas, rurais, urbanas, de territórios de povos e comunidades tradicionais, com deficiência, imigrantes, entre outras variáveis. O Brasil é um país de dimensão continental, formado por diversos povos e matrizes culturais, e a isso se somam as características e designações das pessoas no que se refere às identificações e identidades.

De acordo com o Censo (IBGE, 2022), 22,3% da população brasileira é jovem, o que significa 45,3 milhões de pessoas. Nesse grupo, jovens homens negros são a maioria (30,19%), seguidos de jovens mulheres negras (29,3%), jovens mulheres brancas (20%), jovens homens brancos (19,4%), jovens mulheres indígenas (0,36%), jovens homens indígenas (0,36%), jovens homens quilombolas (0,36%),

<sup>2</sup> Doutora em antropologia social pela Unicamp e Harvard Alumni Fellow. Pós-doutora em primeira infância pela FMUSP e pós-doutoranda em antropologia social na Unicamp. Atua como professora, pesquisadora e consultora nas áreas de equidade, raça, gênero, diversidade, educação, infância e juventude e história e cultura afro-brasileira e africana.

jovens mulheres quilombolas (0,35%), jovens mulheres amarelas (0,16%) e jovens homens amarelos (0,15%). Há outras diversas variáveis que apontariam ainda mais a pluralidade da geração jovem, o que precisa ser considerado porque cada uma dessas identidades marca um tipo de experiência juvenil.

A perspectiva plural do Estatuto da Juventude também expressa a forma como as juventudes têm se colocado nas últimas décadas. As diferenças que marcam a humanidade, em vez de serem valorizadas, foram hierarquizadas e geraram profundas desigualdades. Ou seja, aspectos relacionados às identidades refletem diretamente vantagens e desvantagens sociais, a depender do grupo que você compõe. Os limites colocados para que as pessoas possam existir em sua integralidade, considerando suas experiências, aspectos socioculturais e relações, estão sendo denunciados por lideranças e movimentos juvenis no país.

Desta forma, o que se chama de pautas identitárias tem centralidade nas narrativas das juventudes. Jovens vêm denunciando as violências que sofrem das polícias, por serem negros; as desigualdades de gênero e o feminicídio, por serem mulheres; a intolerância religiosa, por praticarem religiões não hegemônicas; a falta de acesso à educação, por viverem em territórios de povos e comunidades tradicionais que não têm escolas adaptadas ao contexto; a negação do direito à terra, que os retira violentamente das comunidades indígenas; o medo de circular livremente pelas ruas, por serem LGBTQIAPN+ no país que mais mata pessoas desses grupos no mundo; a falta de acessibilidade e a ausência em espaços de sociabilidade, por serem PCDs. Isto significa que, a depender da sua identidade, sua experiência social pode te colocar em situações de maiores ou menores vulnerabilidades.

Essa experiência racializada, generificada, sexualizada, territorializada e classificada se expressa nas narrativas, na reivindicação de direitos e no texto consolidado do Estatuto da Juventude. O documento aborda Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil, Direito à Educação, Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda, Direito à Diversidade e à Igualdade, Direito à Saúde, Direito à Cultura, Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão, Direito ao Desporto e ao Lazer, Direito ao Território e à Mobilidade, Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente e Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça. Cada um desses eixos tem direitos universais estabelecidos, ou seja, para todas as juventudes, mas eles também abordam aspectos específicos relacionados aos jovens indígenas, quilombolas, negros, mulheres, LGBTQIAPN+, com deficiência, representantes de povos e comunidades tradicionais, entre outros.

O direito à diferença e a diversidade figuram como eixo, mas também se expressam nos princípios do Estatuto da Juventude:



## PRINCÍPIOS

Art. 2º O disposto nesta Lei e as políticas públicas de juventude são regidos pelos seguintes princípios:

- I** - promoção da autonomia e emancipação dos jovens;
- II** - valorização e promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações;
- III** - promoção da criatividade e da participação no desenvolvimento do País;
- IV** - reconhecimento do jovem como sujeito de direitos universais, geracionais e singulares;
- V** - promoção do bem-estar, da experimentação e do desenvolvimento integral do jovem;
- VI** - respeito à identidade e à diversidade individual e coletiva da juventude;
- VII** - promoção da vida segura, da cultura da paz, da solidariedade e da não discriminação; e
- VIII** - valorização do diálogo e convívio do jovem com as demais gerações.

Como podemos observar, os princípios abordam as juventudes não apenas como sujeitos de direitos, mas também como pessoas que têm perspectivas, propõem e constroem para suas comunidades, sociedades e país. Neste sentido, jovens são protagonistas da mudança social e devem ser valorizados e respeitados em suas diversidades.

O Estatuto das Juventudes se configura, dessa forma, como uma ferramenta fundamental para enfrentar todas as desigualdades estruturais no país: geracionais, de raça/cor, de gênero, de sexualidade, de território, de deficiências etc. Além de considerar essas especificidades e propor políticas de equidade, o que se difere de igualdade e significa oferecer oportunidades de acordo com as

necessidades e particularidades de diferentes sujeitos e grupos, apresenta as formas como as ações devem ser desenvolvidas em suas diretrizes.

Podemos citar, como exemplo, a garantia do direito à educação escolar indígena e educação escolar quilombola contextualizadas e em língua materna, ações afirmativas para estudantes negros, indígenas e oriundos de escolas públicas nas universidades, difusão de conhecimentos sobre a diversidade cultural e étnica do país, formação de profissionais que atuam no sistema de garantia de direitos sobre “questões étnicas, raciais, de deficiência, de orientação sexual, de gênero e de violência doméstica e sexual praticada contra a mulher etc.”.

As diretrizes se referem ao papel de agentes públicos e privados, o que posiciona as juventudes como segmento que deve ser priorizado pelas pessoas que operam políticas e programas. A forma de operar envolve intersectorialidade, ou seja, as políticas para as juventudes não podem acontecer de forma isolada, mas de forma integrada para garantir o desenvolvimento do segmento. Por exemplo, não adianta garantir direito à educação, se no território em que os jovens vivem os órgãos de segurança pública do Estado não conseguem enfrentar os riscos que afetam a vida da população e, em muitos casos, são também os promotores de violência que afetam a chegada da juventude à escola – uma realidade muito comum no Brasil. Os direitos são indissociáveis e interdependentes, sobretudo em contextos mais vulnerabilizados, e a inoperância de uma política reflete negativamente sobre outras políticas bem planejadas: desemprego afeta a segurança alimentar e nutricional, que afeta a aprendizagem na escola; infraestrutura para acessibilidade afeta o deslocamento para as atividades culturais e para a escola; segurança pública afeta a mobilidade e o acesso à cidade. Por isso, as políticas devem ser planejadas e operadas de forma intersectorial e colaborativa.

A elaboração das políticas públicas por agentes públicos e privados também deve ter a participação das juventudes nos espaços de institucionalidade democrática. Jovens não são apenas público-alvo de programas e ações, mas também construtores e proponentes das soluções que dizem respeito às suas próprias vidas. E a participação juvenil ajuda a compreender a complexidade desse segmento, levando as iniciativas a respeitarem as suas especificidades em diferentes áreas do sistema de garantia de direitos.

Outros aspectos das diretrizes do Estatuto da Juventude para a construção das políticas públicas são o acesso aos equipamentos públicos que ofereçam os direitos estabelecidos (educação, cultura, esporte, lazer, saúde, formação profissional etc.), ações que promovam integração com os territórios, políticas intergovernamentais (federal, estadual e municipal) e articulação de diferentes esferas (Executivo, Legislativo e Judiciário), produção de dados e informações





sobre as juventudes, ações direcionadas para jovens privados de liberdade e intercâmbio entre jovens de diferentes países.

No entanto, os direitos relacionados à educação, à saúde, à cultura, à profissionalização, emprego e renda, à segurança pública, entre outros, estão contemplando as questões das juventudes? Estado, legislação e operadores de direitos nos diferentes territórios têm atuado em consonância com o Estatuto da Juventude? As políticas públicas têm sido pensadas de forma intersetorial para favorecer o enfrentamento às desigualdades? É preciso pensar sobre essas questões 12 anos depois da aprovação deste importante aparato legal.

É notório que, embora o Estatuto da Juventude tenha completado uma década, este documento ainda padece de popularização e ações que garantam a sua efetivação. É preciso que profissionais que formulam as políticas públicas se apropriem dessa legislação e a implementem. Do mesmo modo, é preciso que as juventudes brasileiras conheçam essa legislação e se apropriem dela, exigindo sua implementação. Um marco legal exemplar que considera as diversidades do território nacional, imprimindo os interesses e necessidades apresentados pelos diferentes grupos sociais nos espaços de participação e construção democrática, poderia ser tomado como orientador para implementar políticas públicas exemplares para a promoção da justiça e enfrentamento às desigualdades estruturais do país.

## QUE TAL UM EXERCÍCIO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO ESTATUTO DA JUVENTUDE?

Divida o grupo em 11 eixos:

1. Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil;
2. Direito à Educação;
3. Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda;
4. Direito à Diversidade e à Igualdade;
5. Direito à Saúde;
6. Direito à Cultura;
7. Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão;
8. Direito ao Desporto e ao Lazer;
9. Direito ao Território e à Mobilidade;
10. Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente;
11. Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça.

Durante 40 minutos, cada grupo deve ler a seção do Estatuto da Juventude relacionada ao seu eixo e dialogar em torno das seguintes questões:

- a. Quais direitos esse eixo garante para as juventudes?
- b. Quais questões relacionadas aos grupos específicos das juventudes (mulheres, PCDs, indígenas etc.) esse eixo apresenta?
- c. Olhando para o seu contexto, esses direitos estão sendo garantidos?
- d. Quais são os principais desafios que as juventudes do seu território enfrentam sobre esse tema?
- e. O que precisa ser feito para mudar essa realidade?

Após a discussão, cada grupo terá 5 minutos para apresentar os resultados do diálogo para toda a turma.



## (DES)ENVOLVIMENTO DE LIDERANÇAS JOVENS

Por Juliano Gonçalves Pereira <sup>3</sup>

Informações, conexões, mensagens instantâneas, aplicativos, engajamento, narrativas, visualizações, seguidores, *likes*, Alexa: essas são algumas das palavras e experiências de uma era tecnológica mediada por inteligência artificial (IA), que tem alterado a cultura do Ocidente, facilitado e determinado nossas vidas, assim como nos apresentado um mundo novo, e nele uma forma de viver, sentir e se relacionar aparentemente melhor, mais adequada, conduzindo-nos a sermos sujeitos políticos globais.

A facilidade do acesso às informações nos possibilita sabermos dos acontecimentos ocorridos instantaneamente em todas as regiões do mundo, dando-nos a sensação de que somos sujeitos globais, e tudo isso no conforto de nossas casas, na maioria das vezes, na praticidade do acesso na palma de nossas mãos. Este mundo tecnológico nos apresenta na mesma frequência e tempo os mais complexos conflitos e problemas sociais da atualidade, além de suas variadas formas de soluções. Estamos mais atentos e mais conectados aos acontecimentos do mundo, sendo o computador e o smartphone uma janela direta que nos conecta às mais sutis e desnecessárias necessidades.

Nesta nova cultura digital, pessoas atentas, espertas e sensíveis aos códigos de engajamentos – conectadas e munidas de poderosas ferramentas de comunicação – se destacam com suas performances e lideranças, hoje medidas pela capacidade de prender a atenção alheia pelo máximo de tempo possível. A ideia de líder se alterou, e, neste momento tecnológico, talvez devêssemos pensar em um sentido mais adequado para liderança que de fato comporte e inspire jovens no país.

O primeiro passo pode ser associar o conceito de liderança a posturas e ações capazes de alterar para melhor nossa realidade e a realidade coletiva no território onde vivemos. Pensemos em liderança como uma competência e habilidade que desenvolvemos na prática social, para o bem viver em sociedade. Na frequência em que a tecnologia nos condiciona à sensação de sermos sujeitos globais, pensemos em competências e habilidades de líder em nossos territórios, com sensibilidade e atenção redobrada ao que de mais simples precisa ser alterado à nossa volta, passando pela indignação e busca por soluções frente às injustiças sociais de um mundo cada vez mais desigual, sobretudo para os jovens.

<sup>3</sup> Pai de Ayana; assessor pedagógico da Frente de Juventude do CEDAPS. Doutor em educação pela UFMG. Atuou como educador convidado no *Diz Af Juventudes*, no eixo mobilização social.

Somos sempre liderados por alguém, e líderes de outras pessoas. Seja em nossa casa, escola, bairro, grupo de jovens, seja em nossas relações interpessoais, essa é uma condição da experiência humana que pode ser desenvolvida, melhorada pela experiência e trocas, a ponto de, no comprometimento do exercício da liderança, ser forjada uma pessoa referência para um bairro, cidade ou país e que se destaca no mundo.

Hoje, com o acesso à internet, temos à nossa disposição muitas biografias de lideranças, algumas que nos inspiram, outras que nos retraem. Embora a maioria que se destaca ainda diga respeito às vivências de homens, pessoas adultas ou idosas, temos a possibilidade de conhecer várias outras histórias, capazes de estimular novos protagonismos, iniciativas criativas para solução de problemas coletivos, participação social e política e tomada de decisões, tendo como perspectiva fazer a diferença no território. Pesquisando bem, chegamos a histórias fortes de mulheres, indígenas, negros e pessoas que fizeram e fazem a diferença em suas comunidades e no mundo como um todo.

O acesso ilimitado a essas histórias incríveis, de pessoas que superaram circunstâncias hostis, nos provoca e motiva a seguir com nossos pensamentos e atitudes por caminhos que nos permitem tornar o que é necessário para nossas vidas algo possível. Porém, também pode nos desmotivar.

As biografias que buscamos conhecer e as pessoas que por nós são seguidas no mundo virtual podem ser exemplos muito distantes de nossa realidade. Quantas vezes aguardamos o posicionamento de alguém que respeitamos e seguimos nas redes sociais diante de um fato banal ou complexo que circula pela internet? Qual o nosso grau de facilidade em identificar um líder comunitário em nosso bairro?

Essa atitude de esperar por respostas prontas e posicionamentos mais assertivos das pessoas que têm destaque na internet revela uma tendência curiosa na maneira como escolhemos nossas lideranças. Quando as referências são determinadas por sua atuação na internet e se destacam pela capacidade de agrupar um número considerável de seguidores, ou pela alta capacidade de prender nossa atenção e nos engajar em suas ideias, a liderança se distancia de sua incidência e ação no território. E será que esses líderes de internet estão comprometidos com o desenvolvimento de uma nova geração de lideranças? Como as lideranças nos inspiram a buscar a solução dos desafios do território em que vivemos?

É correto afirmar que nunca tivemos um cardápio tão vasto de lideranças como agora, mas o que essa ampla oferta tem gerado nos territórios, comunidades e em nossas vidas pessoais e coletivas?



A desafiadora realidade juvenil brasileira, que se apresenta como o segmento social exposto aos mais complexos indicadores socioeconômicos, como pobreza, violência, desemprego, baixa escolaridade, racismo, encarceramento, entre outros, exige soluções criativas e eficazes.

Diante desse fato, como os próprios jovens têm sido estimulados a refletir e desenvolver habilidades e lideranças comprometidas com a busca de soluções para os problemas em seus territórios? O que tem feito os jovens ficarem atentos às barreiras de sua condição social, das mais sutis e simples às mais complexas e desafiadoras?

Os próximos parágrafos deste texto buscarão refletir sobre essas perguntas. Gostaria de pensar alto com você que lê este texto, porque, neste tempo em que estamos mais expostos a biografias e exemplos de lideranças de todos os tipos, lugares, gêneros e raças/cores, também podemos falar de uma crise de lideranças, sobretudo de lideranças jovens.

Parece ser verdade que os seres globais que temos nos tornado, devido ao contato com tudo o que ocorre no mundo, roubam o lugar dos seres territoriais – que prestam atenção nos sintomas, cheiros e sabores do que ocorre na rua, na praça do bairro, dentro de casa e mais profundamente no que ocorre em nosso corpo – alterando a forma como nos relacionamos com nós mesmos. Parece que os jovens têm dado mais sentido, espaço e atenção à experiência virtual.

A imersão nas mais diversas realidades e experiências ocorridas no mundo e que nos chegam pelo celular pode estar tornando nossas vidas e problemas locais supérfluos, e talvez seja esse o sintoma para o qual devemos olhar com mais cuidado, porque ele está por trás de uma possível crise de lideranças ativas – que precisa ser pensada e combatida.

Toda a capacidade tecnológica do momento atual tem um potencial singular de nos fortalecer territorialmente. Temos uma ferramenta incrível de comunicação rápida e com ela podemos desenvolver experiências novas e potentes, capazes de alterar uma realidade social marcada por problemas complexos que ainda não conseguimos resolver. É na realidade local que a vida ocorre, e o território em que vivemos, crescemos e nos desenvolvemos não pode ser menos importante que todos os outros lugares do mundo que chegam até nós pela internet.

Peguemos o cenário político brasileiro como um local de análise para pensarmos na crise de lideranças que atravessamos. Vivemos em um país polarizado, apegado a lideranças antigas – que em sua maioria herdaram cargos políticos – e pouco disposto a formar novos quadros. Vemos novamente se repetir, eleição após

eleição, a reafirmação de lideranças masculinas, de idade avançada e brancas como a maioria das pessoas eleitas, como se essas características fossem pré-requisitos para que alguém se credencie como representante e liderança política no Brasil.

É verdade que mais mulheres, pessoas negras, indígenas e transexuais, bem como outros segmentos historicamente pouco representados na política brasileira, têm disputado as eleições. No entanto, ainda é verdade que a maioria das pessoas eleitas continua sendo formada por homens brancos de idade avançada.

Os jovens têm tido um lugar de destaque nas campanhas eleitorais, que têm sido adaptadas à linguagem virtual. Contudo, a centralidade política no jovem ainda se baseia no entendimento de que ele é um mero voto, e não uma liderança capaz de pensar e desenvolver ações que alterem a realidade social e política no país.

Tal realidade revela a necessidade de estimular uma geração de lideranças juvenis, com capacidade de disputar os espaços políticos de representação em suas cidades, estados e país. É fundamental que os jovens ocupem lugares de representação, que tenham espaço para o exercício do protagonismo e da liderança nos seus territórios, a ponto de contribuir com sua participação ativa no controle social.

Por um lado, a visão adultocêntrica ainda dominante descredencia e afasta o jovem dos espaços de controle social, como associações, conselhos, sindicatos e partidos políticos, para citar alguns. Por outro lado, a crença limitante imposta à maior parte dos jovens, somada à falta de motivação, os desencoraja de serem sujeitos políticos mais participativos e engajados nas ações territoriais.

Um bairro não existe sem os jovens. As cidades, o país e o mundo precisam dos jovens como parte de sua engrenagem de mudança e transformação social. A capacidade das redes sociais de capturar o interesse e prender a atenção dos jovens nos desafia a pensar no que pode ser feito para inspirar lideranças jovens, críticas, atentas e comprometidas com os seus territórios.

Um caminho promissor e já testado busca associar o dinamismo do jovem à cultura digital da atualidade, de conexões rápidas e acesso seguro a informações de curta duração. Experiências juvenis mediadas pela tecnologia, que façam sentido e diferença, e levem o jovem a refletir sobre si e sobre a atuação no território onde vive, podem gerar momentos singulares de trocas e reflexões que nos ajudem a pensar nesta forma de (des)envolvimento de lideranças juvenis.

A ideia de (des)envolvimento de lideranças juvenis entende que o jovem precisa estar no centro dos desenhos estratégicos de suas transformações. Que, para desenvolver lideranças juvenis hoje, é preciso envolvimento, comprometimento



e engajamento do jovem para que de fato seja uma experiência juvenil protagonizada e desenvolvida por, para e com os jovens.

A cultura atual de conexões rápidas nos força a propor formações que sejam ao mesmo tempo densas e ágeis, com informações precisas e inquietantes que façam sentido e diferença na realidade juvenil. O problema da baixa representatividade juvenil na política brasileira pode ser combatido com uma formação política capaz de provocar o jovem a exercer de forma intensa sua liderança em seus territórios.

Nesta direção, iniciativas que se dediquem à formação de lideranças jovens e que alcancem esses sujeitos em suas mais diversas condições e localidades no Brasil são fundamentais e necessárias. O **Diz Aí**, atento a essa necessidade e comprometido com as linguagens da cultura digital juvenil, criou um espaço de trocas e reflexões on-line para jovens de Serra Pelada/PA, Tucumã/PA, São Luís/MA e Resex do Rio Gregório/AM. Apoiada na tecnologia para chegar aos lugares em que esses jovens estão, e com eles criar um espaço de reflexão, trocas e desenvolvimento de pensamento crítico, a iniciativa buscou inspirar os jovens dessas localidades sobre a importância de suas lideranças. O espaço de reflexão se desdobrou no estímulo de ações juvenis em cada território, por meio de projetos de intervenção, levando o jovem a uma experiência de formação-ação.

Outra iniciativa que vale ser mencionada é o curso de formação política de lideranças jovens, desenvolvido pela Fundação Roberto Marinho e Co.liga em parceria técnica com Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS) e UNICEF. O curso, pensado com jovens, busca motivar e inspirar a juventude a elaborar planos inovadores para a mudança de sua própria realidade e da realidade coletiva em suas comunidades. Com duração de 4 horas e em formato digital – é possível acessá-lo tanto pelo computador quanto pelo celular –, o curso propõe uma imersão em uma trilha formativa que leva os jovens a pensarem sobre aspectos de ampliação e qualificação de sua liderança.

A internet e as plataformas digitais que são parte da cultura juvenil, quando usadas como veículos de formação crítica e estímulo, podem ser aliadas no combate à crise de lideranças no país. Sem a pressa de encontrar a solução final para os problemas complexos que a escassez de lideranças tem gerado, exemplos como as oficinas de formação de lideranças do **Diz Aí** e o curso de formação política de lideranças jovens da plataforma Co.liga contribuem em parte para o estímulo às novas lideranças juvenis no país.

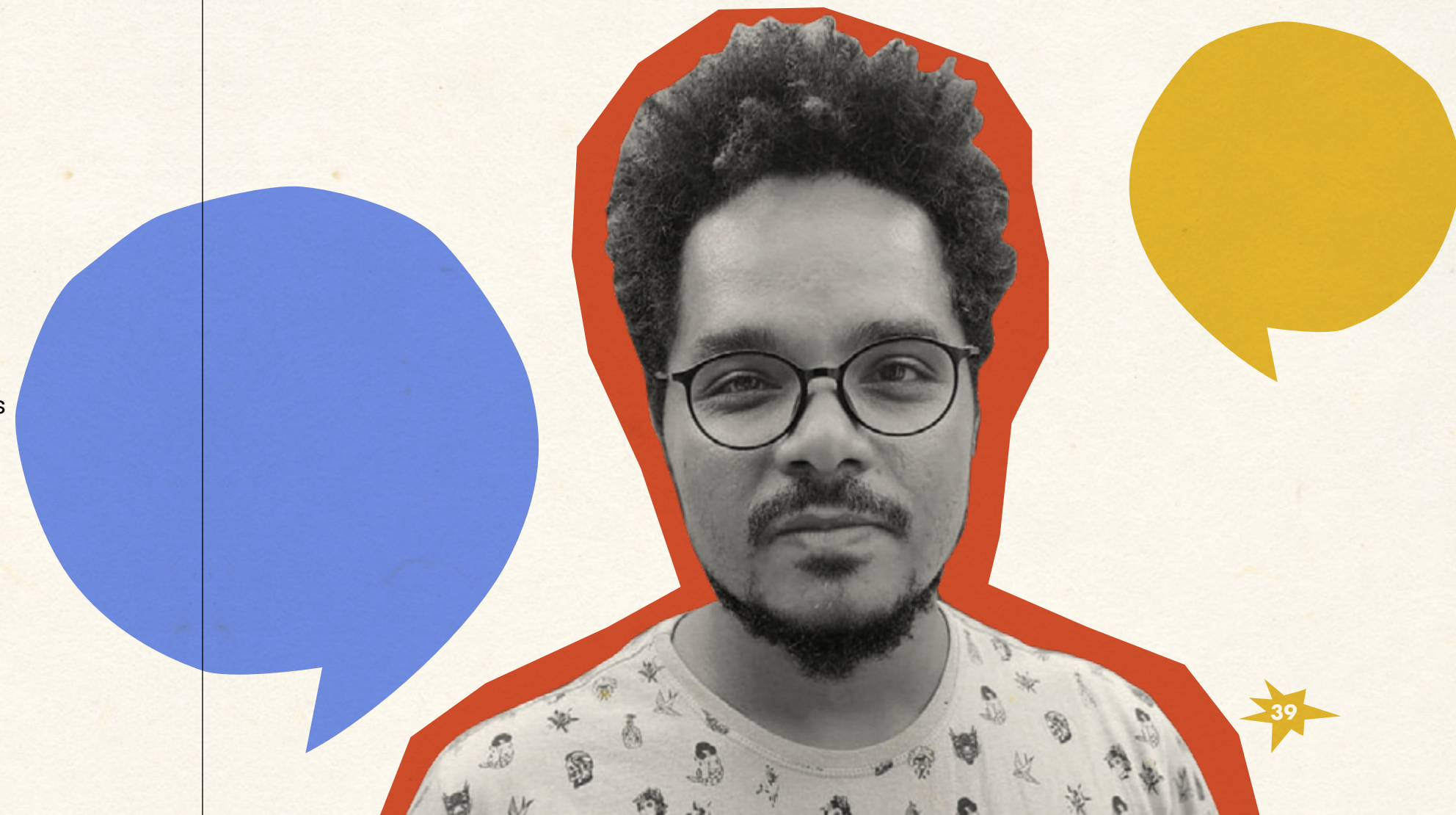
Os espaços de formação e trocas sobre lideranças em si são opções aos jovens, em um mundo infinito de possibilidades. O cuidado na estruturação de propostas

que estejam comprometidas com o jovem, usando uma linguagem adequada e sempre em consulta com aqueles que são sujeitos centrais dessas iniciativas, é uma aposta na mudança da realidade social, por meio do investimento no protagonismo juvenil.

É necessário, no infinito cardápio de ofertas e sedução presentes no mundo virtual, fazer com que iniciativas como essas cheguem aos jovens e despertem seus interesses para que pensem e atuem como lideranças comprometidas com o controle social e alteração da realidade de seus territórios.

Neste tempo em que cada vez mais nos protegemos no conforto de nossas casas e na praticidade da vida mediada pelos aplicativos e IA, despertar o interesse pelo território e pelas ações locais é um desafio. O jovem precisa estar, sim, no mundo virtual, mas também nas ruas, nas praças, nas associações de moradores, nos conselhos de políticas públicas e nos lugares de representatividade política, circulando de maneira livre e segura pela cidade.

Ao nos desafiarmos a pensar em (des)envolver lideranças jovens na atualidade, a atenção central deve estar em criar condições de escuta qualificada e envolvimento dos jovens nessa discussão. É fundamental construir com eles as soluções dos seus problemas e aprender sobre os caminhos mais adequados para estimular suas lideranças em seus territórios.





## JUVENTUDES E TERRITÓRIOS: ESCUTA QUALIFICADA E DEMOCRACIA

Por Lídia Rodrigues<sup>4</sup>

Consideremos inicialmente que, para falar sobre a participação das juventudes na elaboração, implementação e monitoramento das políticas públicas desde a perspectiva que abordaremos a seguir, é necessário falar sobre democracia como sistema político de contexto e sobre educação popular como método.

A democracia é uma ferramenta imprescindível para a efetivação plena dos direitos. Ao mesmo tempo, exige-se um exercício constante, sob uma perspectiva, para seu aperfeiçoamento, e, sob outra, para que haja um processo coletivo e contínuo de aprendizado para a convivência em sociedade e para a melhoria da vida para as pessoas, sendo atualizada à medida que as necessidades sociais são refinadas, a fim de incorporar segmentos que em outros momentos da história foram invisibilizados.

Marcadores de desigualdade nem sempre foram considerados pelos efetivadores de direitos na elaboração e implementação de políticas públicas, e, se isso mudou, foi porque houve organização política popular e luta social! No caso das juventudes, o reconhecimento das desigualdades e da necessidade de uma política pública que operasse garantindo o desenvolvimento desse grupo se deu com a consolidação do Estatuto da Juventude, apenas em 2013, e após muita movimentação e debate de jovens auto-organizados em todo o país.

A organização das juventudes como sujeitos políticos, ou seja, o movimento de tirar-se de um lugar simples de identidade etária para então produzir discurso e qualificar a incidência sobre o que essa condição identitária reverbera nos lugares sociais e políticos, implica uma educação política crítica, para construir alternativas que transformem as desigualdades históricas, econômicas e sociais que experimentamos até aqui.

Pensemos em como essa identidade etária vem sendo produzida política e juridicamente no Brasil. Antes da Constituição de 1988, condições geracionais eram tratadas pelo Estado apenas a partir das ditas situações irregulares. Com a aprovação do artigo 227, que firma a pedra fundamental para o Estatuto da Criança e do Adolescente, inicia-se um longo processo de compreensão de que

<sup>4</sup> Educadora social, cearense de Fortaleza. Realiza projetos de educação popular e social, visando à incidência nas políticas públicas nos níveis local, nacional e internacional. Desenvolve consultorias para organizações da sociedade civil, empresas e poder público com foco em educação, cultura, desenvolvimento institucional, direitos humanos, letramento racial, entre outros temas. Atuou na coordenação pedagógica no *Diz Aí Juventudes*.

o momento da vida em que o indivíduo se encontra é um forte marcador de como ele vai experimentar e processar os acontecimentos, desenvolvendo-se como sujeito político. Portanto, é necessário que nessas fases da vida seja garantido um conjunto de direitos com fins de pleno desenvolvimento.

Vale reiterar que de 1988, ano de promulgação da Constituição, a 2013, quando foi instituído o Estatuto da Juventude, 25 anos se passaram, e, com esse tempo, as necessidades democráticas se refinaram muitíssimo. Consideremos também a revolução tecnológica e mudanças nas leituras de contexto e teremos a necessidade de revisitar os métodos participativos vigentes e refletir sobre a importância de ampliar os mecanismos de escuta das juventudes nas definições de políticas públicas e como qualificar essa escuta a fim de tornar a participação desse grupo – direito expresso no Estatuto da Juventude – real.

Demora muito (25 anos, como já destacado) até entendermos que, após os 18 anos, esse processo não se encerra automaticamente, mas que há uma transição mais larga entre infância e vida adulta: a juventude. Com a aprovação do Estatuto da Juventude, há um reconhecimento de que esse momento da vida não é idêntico à infância, tampouco pode ser totalmente comparado à vida adulta. Há uma condição diferenciada de aprendizado, inserção produtiva e perspectiva de mundo que também deve ser vista com prioridade.

Aqui, é importante salientar que, ainda hoje, para muitas pessoas, o exercício democrático é exclusividade dos períodos eleitorais. No entanto, desde a Constituição Federal, existe uma série de ferramentas que ampliam a participação popular na consolidação do Estado Democrático de Direito, tais como as conferências e conselhos setoriais. Movimentos sociais, organizações da sociedade civil e coletivos informais também são processos organizativos pelos quais a sociedade civil produz incidência no Estado e busca aperfeiçoamento das políticas públicas.

Gostaríamos, nesse momento, de refletir de forma mais direcionada sobre o que esse processo histórico produz de aprendizados para hoje sobre a participação de jovens. No período da Constituinte, havia uma efervescência política, o processo de redemocratização do país havia sido construído em muitas camadas, mobilizando diferentes sujeitos sociais: comunidades eclesiais de base, novos partidos políticos, movimento universitário e estudantil, entre tantos outros. Enfim, havia um processo em curso em que a participação social e política permeava a vida, ou seja, existia uma cultura de participação.

À medida que o tempo foi passando e a participação foi se institucionalizando, houve um arrefecimento do processo político popular. Vários elementos



indicam isso, como a cristalização de lideranças políticas e a incidência política das organizações da sociedade civil, que passa a ser mais direcionada para determinados temas, à medida que a cooperação internacional vai focando seu apoio para sua agenda estratégica, nos anos 2000. Na década seguinte, os investimentos econômicos nacionais aumentam a demanda da educação profissional, e o currículo nacional passa por grandes alterações, em convergência com a revolução tecnológica e com a “tictiquização” da atenção, principalmente das juventudes. Isso repercutiu diretamente na participação da juventude nos processos políticos, colocando o desafio de reformular os processos participativos e pedagógicos, se considerarmos importante que a democracia não padeça.

É evidente que, em um país com dimensões continentais como o Brasil, com a diversidade cultural e social entre as juventudes, não podemos pensar em métodos uniformizados e universalizantes. Por isso, a educação popular é tão importante para a participação juvenil. A multiplicidade das realidades e anseios desses sujeitos políticos – jovens – exige que qualquer processo participativo radical parta do reconhecimento dessa complexidade. É necessário compreender a juventude como uma categoria que, embora compartilhe aspectos comuns, se expressa de forma pluriversal, a partir de diferenças econômicas, culturais, religiosas, entre outras.

Quando falamos sobre juventudes e territórios, estamos nos referindo não apenas à faixa etária jovem, mas a um conjunto de experiências e vozes que emergem de seus espaços de convivência, sejam eles urbanos, rurais ou periféricos.

A escuta ativa das juventudes nos territórios é fundamental para o desenvolvimento de projetos e políticas públicas que, de fato, dialoguem com as demandas e anseios desses grupos. Muitas vezes, decisões políticas são tomadas sem que as vozes jovens sejam consideradas, o que resulta em ações desconectadas da realidade cotidiana dos jovens e de suas necessidades. A escuta vai além de coletar opiniões; trata-se de reconhecer as juventudes como sujeitos e agentes de transformação social com uma percepção crítica sobre os desafios que enfrentam em seus territórios.

Quando as juventudes são ouvidas, projetos e políticas públicas podem ser moldados para valorizar a atuação desses jovens e suas vivências. A escuta permite identificar demandas específicas de cada território – como educação, lazer, segurança e oportunidades de emprego – e criar soluções inovadoras, inclusivas e participativas. Assim, o diálogo entre juventudes e políticas públicas passa a ser uma via de mão dupla: os jovens se tornam parte ativa na construção de suas comunidades, enquanto os governos e organizações entendem melhor os caminhos para promover o desenvolvimento social de forma justa e sustentável.

Além das diversidades territoriais que temos no Brasil, e que se relacionam diretamente com a sociabilidade e cultura das populações que habitam os lugares, podemos falar de territórios afetivos, virtuais, de corpo-território. Ao pensar políticas públicas com jovens, precisamos compreender coletivamente o que o território significa em suas múltiplas expressões e o que isso demanda de relações entre outros territórios, bem como o que é necessário acordar como limites nessas relações. Isso serve para pensar os processos federativos das políticas, além dos limites de debates e atitudes interpessoais.

Em síntese, o que estamos dizendo até aqui é que, sendo as juventudes sujeitos sociais de alta complexidade – dada sua multiplicidade sociocultural – e considerando que estamos em um país imenso, marcado por intensas transformações institucionais, econômicas e políticas que reverberam diretamente nas vidas desse grupo, além das diversas rupturas geracionais na tradição de organização política e popular, pensar a participação das juventudes é pensar em processos pedagógicos que envolvam formação na ação. É fundamental considerar suas práticas e coletividades, enraizadas nas realidades vividas por esses jovens, de modo a possibilitar conexões entre suas multiplicidades e a construção de ações práticas com esses sujeitos.

É evidente que, como em qualquer grande tarefa, não nos é possível apresentar um mapa de como chegar a esse destino. Não há um caminho traçado pelo qual indubitavelmente se pode seguir. O que iremos apresentar a seguir são orientadores para a construção desse caminho. Amuletos, ferramentas e bússolas para um percurso que permita aprendizado, evocando sempre a máxima de que o caminho é tão importante e substancial quanto o destino.

**IDENTIDADE E DIFERENÇA:** considere que, por mais semelhantes que os jovens possam parecer, é fundamental compreender e reconhecer suas diferenças. Considerada essa diversidade, é importante que processos participativos sejam também dialógicos, ou seja, possibilitem que essas diversas juventudes conversem entre si, a fim de compreender as distintas perspectivas e necessidades, aprofundando a solidariedade e ampliando a perspectiva de realidade dos jovens. Em um processo político-pedagógico, realizar atividades que possibilitem valorizar essas multiplicidades e identificar o que têm em comum é um passo necessário para construir a identidade política coletiva.

**PERTENCIMENTO E CORRESPONSABILIDADE:** fortalecer o sentimento de ser parte de um processo coletivo maior, que visa ao bem comum, possibilita a identificação desses jovens com uma coletividade, com uma cidade, com um estado e com um país, aumentando a corresponsabilidade com os processos políticos e sociais.



**AFETIVIDADE E VÍNCULO:** sentir e estar conectado são grandes necessidades humanas, que podem, em processos coletivos, ser reforçadas como pressuposto metodológico. Isso permite que os indivíduos pertencentes a um processo consigam, em um percurso amplo e voltado para o bem comum, suprir necessidades particulares que ao mesmo tempo são compartilhadas. Essa perspectiva também é importante para lidar com os conflitos e desentendimentos.

**LEGISLANDO O PROCESSO COLETIVO:** construir coletivamente as normas que regerão o processo coletivo, além de um importante exercício político-pedagógico, é fundamental para um processo fluido de compromisso com esses acordos, viabilizando a reflexão e definições, por um lado, e oferecendo repertório prévio de leitura das necessidades do grupo, por outro.

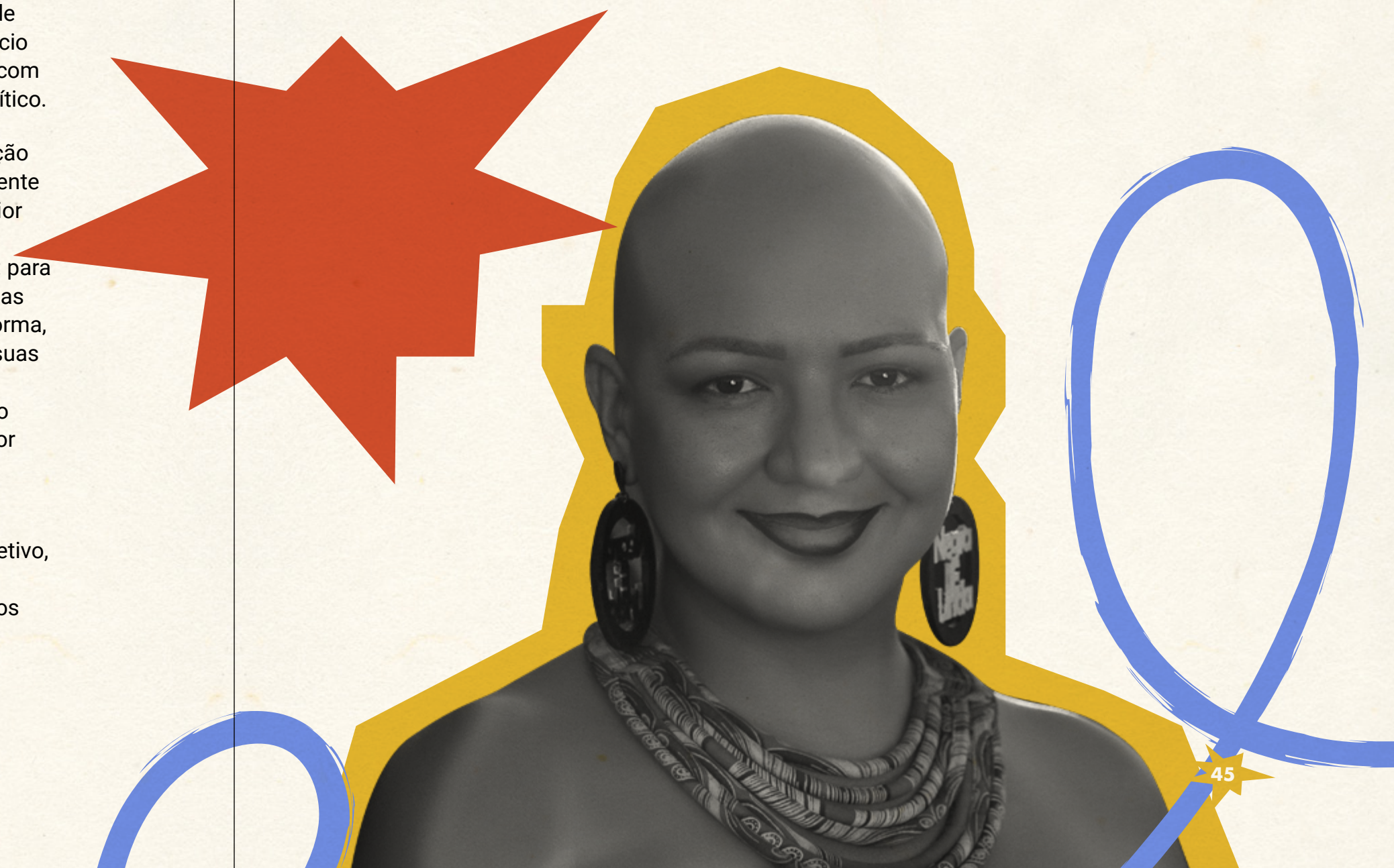
**TRANÇAR POLÍTICA E VIDA:** em um processo político-pedagógico com as juventudes, uma possibilidade rica é a de criar momentos reflexivos em que política e vida estejam associadas, em que os processos vividos individualmente pelos jovens possam ser politizados, de modo que o grupo tenha a percepção de como esses aspectos compõem um comum. Atividades vivenciais, dinâmicas e jogos podem ser importantes recursos para conduzir a isso, além da apresentação de dados que reflitam as realidades vivenciadas. Esse é um recurso para o exercício da fala dos jovens, para que eles percebam sua realidade, entrem em contato com a realidade uns dos outros e consigam coletivamente organizar o discurso político.

**CRUZAR INTERESSES COTIDIANOS E POLÍTICA:** como conquistar a atenção dos jovens para a política pública, sendo esta muitas vezes rejeitada previamente por eles? Eis uma das grandes questões dos educadores hoje. O tópico anterior dialoga muito com esse desafio, mas optamos por enfatizar a alternativa de cruzar os interesses prévios dos jovens com a construção política. Exemplos: para um grupo de jovens atores, propor a criação de uma esquete que expresse suas críticas pode ser uma forma de politizar a arte que já produzem; da mesma forma, para um grupo de jovens influencers, o desafio de criar um reel que sintetize suas inquietações pode transformar ferramentas do cotidiano em instrumentos de intervenção e posicionamento. As alternativas são infinitas e podem apoiar no processo de escuta à medida que estimulem que os jovens escolham a melhor forma de se expressar.

**DEVOLVER E SISTEMATIZAR OS DISCURSOS DE ACORDO COM SUAS LINGUAGENS E EXPRESSÕES:** à medida que construímos um processo coletivo, em que os jovens compreendem suas semelhanças e diferenças, sentem-se pertencentes e vinculados, estão confortáveis e comprometidos com os acordos coletivos, compreendem que falar de política pública é falar de suas vidas, e que podem falar de diversas formas a partir das linguagens que os motivam,

cabe a quem promove o processo de escuta devolver a entrega e confiança. O que os jovens entregam como leitura de realidade, proposta e crítica por vezes é apresentado de forma fluida e não linear. Isso pode gerar uma série de interpretações do que seriam os anseios das juventudes, fazendo com que a escuta não cumpra o papel de apreender as necessidades. Por isso, além de conduzir processos qualificados que tenham como produto a fala e expressão da juventude, é imprescindível que haja um momento em que esses discursos apreendidos sejam sistematizados e devolvidos para o coletivo, de maneira que o grupo seja capaz de aferir se a leitura realizada realmente corresponde ao que se quer comunicar.

Incluir as juventudes no processo de tomada de decisão significa oferecer-lhes a oportunidade de moldar suas próprias narrativas e ocupar espaços de poder e transformação social. A escuta qualificada contribui para a criação de políticas públicas que não apenas supram necessidades imediatas, mas também fortaleçam as identidades e trajetórias desses jovens, respeitando suas particularidades territoriais e culturais, criando alternativas para a superação das rupturas intergeracionais e melhorando a democracia! Com isso, todo mundo sai ganhando.





## STORYTELLING: CRIANDO NARRATIVAS COLETIVAS DE IMPACTO SOCIAL

Por Débora Garcia<sup>5</sup>

Este artigo compartilha conteúdos do workshop de narrativas audiovisuais do projeto **Diz Aí** – edição 2024. Minha intenção foi articular o conceito de *storytelling* com o compromisso de produzir conteúdos capazes de gerar transformações sociais nos territórios dos participantes – não qualquer transformação, mas aquelas construídas e validadas pelos próprios jovens que vivem essas realidades. Nesta edição, realizada em parceria com a Vale e com a Fundação Roberto Marinho (Canal Futura), no contexto de enfrentamento à pobreza extrema, participaram 106 jovens do Pará (Serra Pelada e Tucumã), Maranhão (São Luís) e Amazonas (Resex do Rio Gregório). Nesses territórios, o **audiovisual** e o **storytelling** serviram como ferramentas de expressão das identidades e desafios dos jovens, promovendo uma abordagem empoderadora e com efeitos tangíveis para a comunidade.

Os jovens participantes, ao narrar suas histórias, são convidados a refletir sobre os desafios e as conquistas da própria trajetória e da vida coletiva ao redor, o que fortalece a autoestima e promove a autonomia. Essa prática, especialmente poderosa para o público jovem, permite que eles ressignifiquem suas experiências de vida e revelem um lado da realidade de suas comunidades que muitas vezes fica invisível ou estigmatizado na mídia tradicional.

### A arte de contar histórias

O termo “*storytelling*” (contação de histórias) ganhou popularidade nos últimos anos e permeia diversas áreas: propaganda, discursos políticos, conteúdos midiáticos e até a educação formal. Essa “arte” parece uma panaceia para criar narrativas ricas e impactantes, prometendo uma comunicação envolvente que toca e mobiliza o público. Se no século XIX o romance tornou-se popular com autores como Charles Dickens e Jane Austen, o século XX trouxe novas linguagens narrativas com o cinema e com a televisão, que fizeram da imagem uma protagonista no *storytelling*.

<sup>5</sup> Graduada e mestra em educação pela Universidade Federal Fluminense, com especialização em comunicação pela Georgia State University - GA (USA). Possui ampla experiência na criação e gestão de conteúdo audiovisual, materiais paradiáticos e ambientes de web. Entre outras atuações, foi gerente de conteúdo do Canal Futura. Atuou como educadora convidada no eixo audiovisual no **Diz Aí Juventudes**.

Mais do que uma prática atual, a contação de histórias é uma das formas mais antigas de comunicação e já era usada em sociedades orais antes da escrita. Em culturas tradicionais, mitos e lendas eram transmitidos oralmente para fortalecer a coesão social e ensinar valores. Essa prática, ainda viva em diversas culturas, nos recorda que somos “seres de histórias” – nossas identidades se constroem por meio delas. Durante a oficina de narrativas audiovisuais, apresentei um “mapa” de referências para que histórias locais emergissem em vídeos produzidos pelos jovens. Essa abordagem busca criar um ativismo social estruturado e potente, com diálogos autênticos que tragam reconhecimento às realidades locais.

Ao convidar jovens para desenvolverem suas próprias narrativas, o **Diz Aí** abre espaço para a diversidade de vivências, refletindo sobre temas que vão desde as conquistas pessoais até os desafios coletivos enfrentados em seus territórios. Ao transformar suas experiências em conteúdo audiovisual, eles não apenas expressam suas identidades, mas também criam um canal de diálogo que possibilita o encontro de diferentes perspectivas.

### Storytelling como estratégia de engajamento

O *storytelling* é um poderoso recurso para o engajamento social, especialmente quando histórias pessoais geram identificação e mobilizam o público. No **Diz Aí**, ele não apenas expressa, mas empodera, promovendo uma participação ativa dos jovens como protagonistas de suas narrativas. Como argumenta Lambert (2013), o *storytelling* de engajamento cria “espaços de escuta”, nos quais o público se sente parte do diálogo. O **Diz Aí**, ao permitir que os jovens contem suas próprias histórias, estabelece uma conexão genuína entre narrador e espectador, incentivando uma nova percepção sobre suas realidades.

Além disso, o *storytelling* de engajamento é essencial para reforçar a ideia de que cada participante do projeto tem uma perspectiva única e válida a compartilhar. Ao colocar suas vozes no centro das narrativas, o **Diz Aí** promove o engajamento entre os jovens e suas comunidades, reforçando vínculos e incentivando uma comunicação ativa e transformadora.

A série *Pense Grande.doc*, do Canal Futura, ilustra bem o potencial do **storytelling de engajamento**. Em cada episódio, jovens apresentam projetos de empreendedorismo com foco em transformação social, incentivando o espectador a conhecer suas iniciativas e refletir sobre o impacto que podem ter. Esse modelo inspira os participantes do **Diz Aí** a valorizar suas vivências periféricas, transformando histórias pessoais em mensagens que ressoam socialmente.



A série *Pense Grande.doc*, apresentada pela atriz e cantora Lellezinha, é um exemplo inspirador de como o *storytelling* pode transformar vidas ao destacar histórias reais de jovens empreendedores sociais. A presença de Lellezinha como apresentadora traz uma conexão mais próxima e autêntica com o público jovem, gerando uma identificação imediata. Seu carisma e sua trajetória pessoal, marcada pelo engajamento e pela busca de transformação social, servem como um modelo de protagonismo que ressoa com as experiências dos participantes do **Diz Aí**. A série não apenas documenta iniciativas e projetos, mas dá uma plataforma a jovens que, como os participantes do **Diz Aí**, estão moldando suas comunidades e inspirando outros a reconhecerem o valor de suas próprias histórias. Esse formato, conduzido por uma figura jovem e influente (que pode facilmente ser adaptada em contexto local, com a participação de liderança de algum jovem da localidade apresentando os episódios), ajuda a demonstrar que o poder de mudança não está apenas nas ações individuais, mas também na narrativa que se constrói em torno delas, fortalecendo a ideia de que cada história pode ser o motor de uma transformação social mais ampla.

### **Storytelling de demarcação: mapeando histórias e celebrando patrimônios locais**

No **Diz Aí**, o *storytelling* de demarcação permite que os jovens mapeiem e celebrem os recursos de suas comunidades – desde personalidades locais até o patrimônio cultural e ambiental. Inspirados pelo episódio “Dona Mariquinha” da série *Mundo Melhor* do Canal Futura, um dos conteúdos de maior repercussão em redes sociais da história do Futura, em que uma anciã de São Paulo vive uma vida simples, mas cheia de significado, os jovens podem criar “pins” ou “marcadores de localização” pela cidade para apontar onde ocorreram histórias e memórias locais. Esse método não só homenageia os mais velhos, mas permite que os jovens registrem suas próprias conexões com o território.

Os “pins” podem ser conectados a uma *landing page* ou até mesmo a um perfil institucional em redes sociais como Instagram ou TikTok, em que se compartilham histórias, criando um mapa interativo e vivo das memórias locais. Por exemplo, um “pin” em uma praça criada em 1917 poderia registrar: “Aqui, o avô de Luana deu seu primeiro beijo naquela que seria a mãe de seus cinco filhos”. Esse modelo transforma os jovens em curadores de seu próprio patrimônio, unindo histórias coletivas e pessoais de maneira tangível e orgânica. Como observa Jenkins (2006), o *storytelling* participativo cria uma “cultura de convergência”, na qual narrativas pessoais formam uma representação complexa da comunidade.

Além disso, o impacto visual e social do *storytelling* de demarcação é reforçado pela estética criada. Ver uma cidade “pintada” com histórias de amor, trabalho e resistência oferece uma experiência visual única. Essa estratégia permite que o espaço comum se transforme em território de memória e identidade, celebrando as histórias e sonhos que moldam a comunidade.

### **Storytelling de processos: documentando ofícios locais e saberes práticos**

O projeto **Diz Aí** também pode explorar o **storytelling de processos** para registrar e valorizar saberes típicos das comunidades. Focado nos bastidores da criação de produtos, iniciativas e serviços locais, esse tipo de *storytelling* revela o “*how to do*” de atividades regionais, preservando técnicas que fazem parte da vida cotidiana. A série *Garagem Maker*, do Canal Futura, é um excelente exemplo, documentando o passo a passo de diversos processos criativos que são fáceis de realizar e eficientes no que se propõem. O **Diz Aí** pode adaptar esse formato para minidocumentários sobre ofícios regionais, como a produção artesanal de redes ou cerâmicas, nos quais artesãos explicam cada etapa – desde a escolha dos materiais até o acabamento.

Essa prática oferece uma abordagem única para o engajamento, na qual os jovens mergulham no mundo das entrevistas técnicas, observando o trabalho sob uma nova perspectiva e valorizando as habilidades locais. Ao documentar os ofícios, criam um acervo audiovisual que preserva saberes regionais e eterniza técnicas que compõem a identidade comunitária. Esse acervo não apenas engaja o público, mas também educa e empodera os jovens do **Diz Aí**, celebrando os talentos locais e transformando o processo de criação em uma narrativa cultural e social.

Cada registro não só documenta o trabalho de um profissional local, mas também serve como recurso educativo e cultural, perpetuando saberes e técnicas que representam uma riqueza imaterial. Esse modelo de *storytelling* reforça a ideia de uma localidade dinâmica, repleta de conhecimento e habilidades diversas.

### **Considerações finais**

Explorar as técnicas de *storytelling* no **Diz Aí** é mais do que contar histórias; é criar pontes entre diferentes realidades e promover transformação social. Nos territórios do projeto – Serra Pelada, São Luís, Tucumã e a Resex do Rio Gregório –, essas abordagens capacitam jovens a contarem suas histórias, construindo



narrativas que refletem suas realidades e aspirações. Ao incorporar estratégias como *storytelling* de engajamento, demarcação e processos, o **Diz Aí** se estabelece como um espaço de construção coletiva de narrativas que ampliam os horizontes de todos os envolvidos. Ao explorar essas abordagens, o projeto não apenas fortalece a identidade e a autoestima dos jovens participantes, mas também revela a importância de suas histórias para um público mais amplo, incentivando uma cultura de escuta, reconhecimento e transformação.

### Referências bibliográficas

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

LAMBERT, Joe. **Digital storytelling: capturing lives, creating community**. Nova Iorque: Routledge, 2013.

PALACIOS, Francisco; TERENCE, Martha. **O guia completo do storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

## CASA DE FARINHA - MÍDIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTA DE MOBILIZAÇÃO E EDUCAÇÃO

Por Noranathan Guimarães<sup>6</sup>

### Quanto custa um saco de farinha?

(Trecho da poesia - Noranathan Guimarães)

Só um minuto  
Uma pausa dramática  
Para uma pergunta básica  
O que tu fazes pelo teu rio?  
Além de postar e fazer um reel?  
O que tu fazes pela tua mata?  
Engajamento custa mais do que a oralidade da palavra?  
Quantos *likes* são necessários para fazer uma farinha?

Começo este texto com uma poesia. A ideia é ser inquieta e assertiva. Falar sobre juventudes por meio da ancestralidade. As revoluções do dia a dia. As redes de conexão das raízes no solo. Falar sobre farinha de mandioca e o alimentar de quem conhece a terra. Atravessar as barreiras das telas dos celulares e computadores e chegar aí na tua casa, no teu prato, falando dos rios, da Mãe da Mata, do assobio da Matinta Pereira e – por que não? – da internet das beiras e dos ativismos das margens. A tecnologia orgânica é ancestral e a matriz da tecnologia é sintética, Negô Bispo já cantou essa pedra. Escrevo com orgulho sobre quem me ensinou a falar sobre ativismo, tecnologia e casa. Licença, encantados e encantadas, com sua bença para começar essa aula.

<sup>6</sup> Mulher afro-amazônida, filha de quilombola e ribeirinha de Santarém (PA). Atriz e escritora, utiliza a arte como instrumento de sensibilização socioambiental, tanto no espaço físico quanto no virtual. Facilitadora na Escola de Militância Socioambiental Amazônida - EMSA; participa do coletivo em defesa da proteção dos rios amazônicos no movimento Tapajós Vivo. Coordenadora do projeto "ResistEnem". Graduada em biotecnologia e doutora em direito aplicado à saúde pública. Atuou como educadora social no *Diz Aí Juventudes*.



Vamos fazer farinha, estás preparada?

### Farinhada

(Boto Tucuxi – Edilberto Ferreira, Luiz Alberto, Rildo Garcia)

Hoje é dia de festa  
Depressa pra roça  
Vamos nos animar e fazer farinha d'água  
Dona Maria prepara o tipiti  
Alguidar pra encher de tucupi  
As cuias para tirar a tapioca  
Porque hoje é o dia e Alter está em festa  
Vamos nos alegrar e fazer farinha d'água  
Descasca a mandioca  
Bota pra ralar  
Espreme e prepara pra peneirar  
Joga a massa no forno pra se torrar  
Mexe esse remo sem parar  
Joga a farinha pro ar  
Lenha no fogo pra esquentar  
É a farinhada  
Vem pra cá

Essa música fala sobre o processo tradicional de produzir a farinha de mandioca, indispensável na vida e no prato de nós amazônidas, especialmente no Pará. A música celebra a alquimia das tecnologias e dos saberes ancestrais que são repassados de geração em geração dentro da casa de farinha. Histórias das nossas avós. Memórias de alegrias. Lembrança da fome e da fartura também. A farinhada é o momento de celebração e união, quando todo mundo se junta e cada um realiza uma parte do processo. Ficar parado não é uma opção, tens que cortar a mandioca, espremer o tipiti ou torrar a farinha com um remo nas mãos. É como navegar nos rios dos nossos corpos-territórios e depois comer a farinha com um peixe assado.

No decorrer do texto, pretendo compartilhar uma visão geral sobre o ciberativismo contigo, principalmente na Amazônia, usando como base a experiência no projeto **Diz Aí Juventudes**, que ocorreu em abril de 2024, em Serra Pelada, no estado do Pará. Nessa aventura/encontro/farinhada, tive a oportunidade de compartilhar –

junto com Pedro, Lígia e Bruna – e aprender com jovens as táticas para explorar as mídias digitais como ferramenta de mobilização e educação.

Essas táticas de guerrilha em defesa dos nossos territórios não se restringem apenas àquele lugar ou àqueles dias, mas representam uma metodologia que pode ser replicada em qualquer contexto e com diferentes atores sociais. Em alguns momentos, nós éramos os que ensinavam sobre ciberativismo, mas, em outros, estávamos aprendendo. Em qualquer momento dessa farinha, nós estávamos todos vivendo a aula prática.

Sei que tu debes estar matutando: qual a relação da farinha com o ciberativismo? Como uma técnica ancestral pode se transformar em uma poderosa tática de guerrilha nas redes sociais? Aqui voltamos para o ensinamento de Nego Bispo sobre a importância dos saberes orgânicos, aquilo que somos *versus* o saber sintético, que compõe o ter. Ser e ter são totalmente distintos, mas, como a vida não é uma dicotomia, o orgânico e o sintético se misturam e até andam juntos. Assim como o fazer farinha envolve práticas coletivas e estratégias testadas, utilizamos desses princípios orgânicos para discutir, defender ou criar redes de cooperação por meio do uso do Instagram, WhatsApp, TikTok, podcasts e outras tantas tecnologias sintéticas que estão presentes na era mais digital que a humanidade já presenciou, potencializada ainda mais após a pandemia de Covid-19. Adicionalmente, nós estamos no momento da história em que precisamos reflorestar as redes sociais, a inteligência artificial (IA) e o metaverso, com ideias e tecnologias contracoloniais que adiem o fim do mundo.

Mas não é só sobre ensinar jovens a posicionar a câmera e se preocupar com as transições ou efeitos para o vídeo ter mais engajamento. Também não é sobre quais hashtags entregarão melhor o conteúdo. É sobre entender quem é o sujeito, por que gravar um vídeo em uma rede social, qual a importância de usar esse meio, quais serão os benefícios da exposição e todas as possíveis consequências negativas, por vezes imprevisíveis, após cair na internet.

Quando pesquisamos no Google o significado de “ciberativismo”, temos respostas técnicas, porém, que seguem uma lógica contemporânea de pensamento. Como se fosse simples transpassar as lutas e manifestações sociais para o mundo digital. Como se fosse simples navegar entre o mundo físico e o virtual, mantendo as mesmas regras, pessoas e sentimentos. No entanto, a realidade é bem diferente. Precisamos nos aprofundar em um ciberativismo protagonizado por pessoas reais, principalmente jovens, que necessitam compreender o potencial de disseminação das redes sociais e dominar as estratégias de guerrilha nesse campo minado de ódio, golpe e insegurança.



A formação presencial do **Diz Aí juventudes** é um exemplo escuro de que precisamos primeiro preparar o solo, plantar e colher a mandioca, para só depois começar a fazer a farinha. No primeiro dia do encontro, me lembro da preocupação da minha equipe em entender onde estávamos no mapa, observar cada rua, cada senhorzinho sentado em uma cadeira de balanço na frente de casa, até o gosto da galinha e a falta de uma sombra de árvore. Ali estávamos preparando o solo, estudando quais eram os componentes necessários para que a raiz se desenvolvesse. Essa mesma lógica vale para o mundo virtual. Quais notícias e histórias circulavam nas plataformas digitais sobre aquele lugar? Situar-se no tempo-espço: esse é o primeiro passo ao pensar em estratégias de disseminação de informações e fortalecimento de causas nas redes sociais.

No segundo momento, nós plantamos, recebemos os jovens em um ambiente seguro, pensado estrategicamente para que se sentissem confortáveis. Observamos a timidez e curiosidade de encontrar pessoas que vieram de tão longe para escutá-los. Na dinâmica presencial, o plantar é tornar o ambiente favorável para quem quer e precisa estar; no mundo virtual, é estudar qual é a plataforma mais adequada para a comunicação num contexto específico. Por exemplo, ao avaliar a estrutura física e digital disponível, podemos optar por gravar um vídeo de 20 minutos para o YouTube ou por produzir um conteúdo mais simples, de 1 minuto, para uma rede como o TikTok.

A colheita é o melhor momento. É o perguntar, escutar e conhecer, nessa ordem. Na experiência da formação presencial, os jovens se apresentaram falando o nome e a comida de que mais gostavam. Na sequência, reproduziam um movimento rítmico: teve quem imitasse galinha caipira, movimentos de cobra e até quem fizesse dancinha do Tikok. A colheita é olhar para si antes de olhar para o outro. Nossa equipe conseguiu entender, apesar da timidez, quais eram os rostos, nomes, comidas e dancinhas dos jovens de Serra Pelada. Entender o público-alvo é uma estratégia essencial para o sucesso do ciberativismo, pois permite que os ativistas adaptem suas mensagens, ações e campanhas de forma eficaz.

Gosto desses três passos, mas agora vamos realmente começar a fazer a farinha? Para isso, precisamos limpar e descascar a mandioca. Com os jovens, dialogamos sobre identidades, territórios e pertencimento. Imagine um jogo em que os próprios participantes são peças que se movem de acordo com suas próprias histórias de vida. A cada frase falada, alguns jovens avançavam no jogo enquanto outros ficavam estagnados. Isso nos trouxe percepções das diferenças e uma visão geral do debate sobre as desigualdades, a partir das óticas de raça, gênero e etarismo, considerando questões como racismo, privilégios na sociedade e, claro, a ausência deles. O objetivo foi elaborar o pensamento crítico, analisar e questionar a realidade brasileira e amazônica, bem como democratizar

o debate político, visando à transformação social e à redução das desigualdades e compreendendo que esta deve ser uma causa de todos. Quando as desigualdades ocorrem na vida real, normalmente são escalonadas a um nível maior quando entram nas redes sociais. A sensação de impunidade, num lugar “sem regras”, motiva a violência cibernética e a sua velocidade de disseminação.

Descascamos mais ainda a mandioca. Queríamos entender os jovens em seu ambiente por meio da escuta ativa de suas dores, anseios e perspectivas do seu território. Para isso, levantamos uma série de perguntas. *O que é ser jovem para você? O que é ser jovem em Serra Pelada? Você acha que a experiência de juventude aqui é diferente ou é igual à de outros jovens no Brasil? O que tem de igual, o que tem de diferente? Os jovens que você vê no TikTok, no Kwai, nas séries, nas novelas e nos filmes passam pelos mesmos problemas que você?*

Algumas respostas foram bem interessantes, como mostram alguns exemplos abaixo:

**JOVEM 1** - “Meu sonho para Serra Pelada é que ela se torne uma comunidade desenvolvida, com lar para idosos (para valorizar aqueles que fizeram e fazem parte da história e hoje vivem na esperança de um dia serem recompensados); uma escola técnica e uma escola de informática (para que adolescentes e jovens possam se profissionalizar sem ter que se deslocar para outro local); um hospital (para que em casos graves, de vida ou morte, um paciente não tenha que se deslocar mais de 40 km para receber um atendimento).”

**JOVEM 2** - “Meu sonho é ver esta terra não apenas como um símbolo do passado, mas como um berço de oportunidades futuras. Desejo que Serra Pelada se torne um exemplo de desenvolvimento sustentável, onde a comunidade prospera e o ambiente é respeitado. Para concretizar esse sonho, é necessário um plano coletivo que una tecnologia, educação e respeito à natureza, transformando o legado de Serra Pelada em uma fundação para o amanhã.”

Ao limpar a mandioca durante a discussão, compreendemos coletivamente uma narrativa de grande relevância. Ser jovem em Serra Pelada é cultivar o sonho de viver voltado para o futuro, sem permanecer preso ao passado, mas reconhecendo sua importância. Assim, a narrativa, tanto física quanto virtual, busca retratar uma Serra Pelada moderna, porém, profundamente respeitosa em relação à sua história. Isso reflete, mais uma vez, a harmonia entre a ancestralidade – percebida na preocupação dos jovens com os mais idosos – e a necessidade da tecnologia sintética moderna. A inovação não deve rejeitar suas raízes, e sim as incorporar, pois



uma modernidade sem memória corre o perigo de se desconcentrar, desconectar e desviar das suas verdadeiras lutas, além de fragilizar-se. Precisamos caminhar rumo ao futuro com os pés firmes no chão, equilibrados.

Chegamos à ralação da mandioca. A própria ideia de ralar já nos direciona à analogia de que a participação cidadã e mobilização social também são resultados de um esforço contínuo e da participação ativa de muitas mãos. A saca de farinha é composta por muitos pedaços de mandioca ralada – e assim somos quando fazemos ativismo. Como já dizia minha mãe: “1 kg de farinha não se faz com uma бага”. Uma mobilização nos dois ambientes, físico e virtual, só é gerada quando várias ideias, forças e histórias estão em quantidade. Por isso, ao lado dos jovens, nós construímos nesse momento árvores compostas por quatro problemáticas (raiz), quatro causas (caule) e quatro soluções (frutos) da região de Serra Pelada. Uma das principais discussões foi de cunho político, abordando a falta de investimento em políticas públicas voltadas, principalmente, para educação, esporte e lazer. Bingo! Temos as nossas demandas, a nossa mandioca ralada, os problemas, as causas e as soluções, construídas de forma coletiva por pessoas diferentes, mas que anseiam os mesmos sonhos.

A massa ralada úmida é prensada no tipiti, uma ferramenta tradicional e um utensílio essencial para espremer a mandioca e extrair o tucupi, um subproduto da mandioca. Esse processo é essencial, pois separa as substâncias tóxicas, capazes de causar a morte após a ingestão, como ácido cianídrico, tornando o produto consumível. A prensagem foi a etapa em que falamos sobre audiovisual na formação com os jovens de Serra Pelada, pois espremer a mandioca envolve a capacidade de filtrar e manipular as narrativas a partir de diferentes pontos de vista. É necessária uma compreensão crítica para saber separar o relevante do enganoso, construir uma narrativa sólida baseada na real vivência é ser justo com a história a ser contada e se preocupar com as marcas que serão deixadas. Nesse momento, nós aprendemos como controlar o processo e o papel do audiovisual na disseminação de narrativas que façam sentido para os jovens de Serra Pelada: a história do lugar, a memória dos que já se foram e o legado dos que ainda vão chegar. Os jovens aprenderam sobre a criação de enredos ao mesmo tempo que estavam estudando noções sobre cena, tipos de planos, movimentos de câmera e o sentido na imagem. Ferramentas e técnicas essenciais na cibermilitância.

O esfarelar da massa seca foi o momento em que as juventudes, conscientes de si, de seus territórios, problemas e causas, se reconheceram como agentes políticos. Faltava, então, incorporar mais repertório: o como agir. Aqui o objetivo é quebrar o que está grande em pedaços menores, em ações individuais que se somarão ao esforço coletivo, para, assim, a farinha ser mais facilmente torrada. Essa etapa garante que a farinha seque mais uniformemente, de maneira a torrar com

facilidade no forno, garantindo um produto de qualidade. Afinamos coletivamente a capacidade desses jovens de entender que, com as táticas certas, com coletividade e sapiência, a mobilização social conseguirá obter efeitos positivos e seguros.

Nós nos aprofundamos no ciberativismo e em como ele está presente no dia a dia. Pedimos que cada jovem citasse seus influenciadores da vida real – pais, avós, tios, amigas, professores e tantos outros. Gente que, mesmo sem muitos seguidores nas redes, tem papel fundamental na militância que nasce em casa, na rua ou na escola. O objetivo era fazer com que os jovens reconhecessem os personagens e as narrativas que influenciam suas vidas. Um link com o território e a narrativa foi criado a partir da vivência de cada um. Sua vó faz chá? Que tal perpetuar essa tática milenar por meio de uma filmagem? Sua vizinha foi a primeira mulher a chegar a Serra Pelada? Que tal entrevistá-la e compartilhar suas histórias com o mundo? Quer fazer um coletivo de jovens que irá lutar pela sua região? E por que não começar pelo WhatsApp?

Aos poucos, os jovens foram entendendo que, se quisessem mudar a forma como Serra Pelada é vista – marcada apenas pelo passado –, poderiam gravar um vídeo para o TikTok mostrando todas as belezas naturais daquele lugar. E que, se quisessem cobrar as melhorias na educação, empregabilidade, esporte e lazer, também poderiam usar as plataformas digitais como ferramentas de mobilização e organização coletiva.

A etapa de peneirar e torrar foi a finalização da produção da farinha. Nesse momento, nos aprofundamos ainda mais no audiovisual, só que com foco total na prática. Separamos e finalizamos as ideias, identificamos os discursos mais relevantes, torramos a mensagem final – para garantir que seja forte e nutritiva – e impulsionamos os debates, as ações de engajamento social e as ações coletivas.

Agora podemos comer? Um peixe assado com pirão de farinha! Nossas trocas foram e são genuínas porque conhecemos os nossos territórios, as nossas dores e os nossos amores. Esse momento do pirão foi a concretização das trocas. Ver os vídeos produzidos pelos jovens, sentir o abraço e a felicidade deles pela nossa escuta, entender que eu, Pedro, Lígia e Bruna aprendemos mais do que ensinamos, colhemos mais do que plantamos e nos nutrimos ainda mais de esperança. Podemos, sim, adiar o fim do mundo, Tuiré Kayapó nos encorajou, Nego Bispo nos confluuiu, Ailton Krenak nos ensinou e nossas avós encantadas nos abençoaram!

### **Eu sou o caule, eu sou a maniva**

Sou Noranathan Guimarães, uma mulher preta do interior da Amazônia, da periferia de uma cidade que está sendo tomada e devastada pela soja. Filha do



Nonato, quilombola professor, e da Rose, cabocla artesã, sempre carreguei comigo a importância da educação e da arte.

Gosto de situar minha atuação em três áreas. Existe a Noranathan cientista, formada em biotecnologia, que ama a divulgação científica e a comunicação de uma ciência não europeia e não elitizada, feita pelas pessoas do dia a dia e que é resultado das experiências das nossas e dos nossos ancestrais. Também existe a Noranathan da tecnologia e do ciberfeminismo, pois acredito na necessidade urgente de mudar os algoritmos e colocar em pauta uma Amazônia na perspectiva daqueles que estão enraizados nessa terra. Por último, existe a Noranathan multiartista, usando a arte como instrumento de crítica socioambiental e sensibilização/conscientização de quem está na base, sofrendo racismo ambiental e outras violências. Sou poeta, atriz, performer e fotógrafa: uso todos esses meios para falar de todas as dores e atrocidades que nossos corpos sofrem na Amazônia. Mas falo também de amor, da arte que é tomar banho de rio, comer um peixe assado, tomar um açaí com farinha e se deliciar com uma manga na sombra. Do orgulho que é ser e estar na Amazônia e de como as próximas gerações têm o direito de viver esse presente, assim como as nossas ancestrais pensaram e lutaram para nós.

Sou formada em biotecnologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará, onde trabalhei com conhecimentos medicinais tradicionais, etnobotânica, recursos naturais e saúde inclusiva. Após finalizar a graduação, iniciei o doutorado no Instituto Butantan em São Paulo, onde dediquei quatro anos de pesquisa aplicada à saúde pública, ecologia e venenos de animais peçonhentos. Não concluí o doutorado em decorrência de todas as violências enfrentadas por ser uma mulher amazônida.

Durante a pandemia, em maio de 2020, cofundei o projeto ResistEnem, com o objetivo de preparar vestibulandos de baixa renda para a prova do ENEM, utilizando o WhatsApp como ferramenta de ensino-aprendizagem. Um exemplo escuro de cibermilitância. Mesmo com abrangência nacional, o projeto tem grande atuação com alunas e alunos na Amazônia. Mais de 300 estudantes se preparam anualmente com nossa metodologia de ensino, em uma atuação conjunta de voluntários no envio de materiais didáticos exclusivos e plantões de dúvidas/rodas de conversa on-line nos grupos de WhatsApp. Eu costumo dizer que, assim como a neofuncionalização de muitas células do nosso corpo, após vários anos de evolução, também somos capazes de reutilizar plataformas digitais – criadas para satisfazer o capitalismo – para fazer revoluções na base, revoluções das mino(maio)rias e de quem realmente está fincado como as raízes da mandioca nos territórios.



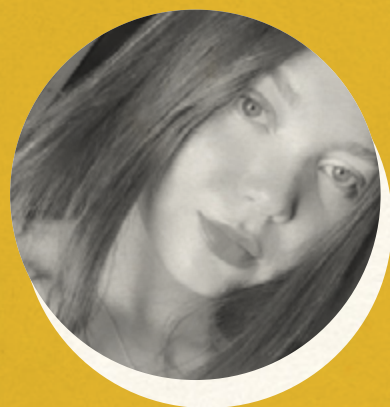


# ouvir

Nesta seção, apresentamos alguns dos depoimentos dos jovens que participaram da 16ª edição do **Diz Ai Juventudes**, além do mapa das escutas, com os principais desafios, perspectivas e desejos dos jovens sobre seus territórios.







Participar do projeto **Diz Aí** foi uma experiência verdadeiramente transformadora. Por meio das atividades, mergulhei no universo do cinema e compreendi a importância de contar histórias diversas. Essa vivência ampliou minha perspectiva sobre narrativas, ressaltando como elas podem conectar pessoas e refletir a riqueza da experiência humana. Cada história compartilhada me fez valorizar ainda mais a pluralidade e a empatia.

**Kelly Lopes - Diz Aí São Luís**



Gostaria de expressar meu sincero agradecimento por ter tido a oportunidade de participar desse incrível projeto. Cada momento foi enriquecedor e me proporcionou experiências valiosas que levarei para a vida toda.

A troca de ideias, as discussões e as atividades realizadas foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e coletivo. É inspirador ver jovens tão engajados e apaixonados por fazer a diferença em nossas comunidades. Juntos, aprendemos, nos divertimos e construímos laços que certamente perdurarão.

Agradeço à equipe e todos os participantes pela dedicação, pelo apoio e por tornarem este projeto uma experiência tão única. Espero que possamos continuar a nos conectar e trabalhar juntos em futuras iniciativas!

**Hevilly Sorrana da Silva Lima - Diz Aí Serra Pelada**



O **Diz Aí** durou seis meses! Esse tempo passou tão rápido... No encerramento on-line, eu me lembrei de quando estava me inscrevendo, cheia de ansiedade, pensando se realmente iria conseguir – e, nossa, eu consegui! Participar do projeto foi muito bom, eu amadureci um pouco mais, trabalhei meu autoconhecimento e conheci pessoas maravilhosas! Estou pronta para a segunda etapa. Que, por favor, venha!

**Vitória Silva - Diz Aí Serra Pelada**



Participar do **Diz Aí** foi uma experiência transformadora para a nossa comunidade. Foi muito mais do que um simples projeto; foi uma oportunidade para que os jovens pudessem expressar suas vivências, compartilhar suas histórias e mostrar suas perspectivas.

Ver a juventude se envolver e se comprometer com o futuro da nossa comunidade foi inspirador. Cada relato, cada conversa e cada ideia trocada contribuíram para fortalecer o vínculo entre os jovens e o território. Esse projeto não só deu uma plataforma para que fôssemos ouvidos, mas também cultivou o orgulho e o pertencimento à nossa cultura. O **Diz Aí** mostrou que juntos podemos construir e transformar, valorizando o que temos de mais precioso: nossa identidade, nossas histórias e nossos sonhos para o futuro.

**Dedison Carvalho - Diz Aí Serra Pelada**





Com o **Diz Aí** eu aprendi muitas coisas, aprendi com as aulas do projeto, com os professores, com os meus amigos, com cada pessoa que passou por aqui. Vou levar os aprendizados para sempre e multiplicá-los para outros jovens da minha comunidade.

**Raimunda Jacinta - Diz Aí Resex do Rio Gregório**



Aqui na Resex do Rio Gregório, muitas pessoas não gostam de participar de reuniões, ficam receosas. Com o **Diz Aí** foi diferente porque teve o envolvimento. As pessoas estão participando, os jovens estão participando do projeto, se envolvendo com as questões da comunidade e expressando suas vozes para outras localidades.

**Jorgimar de Oliveira - Diz Aí Resex do Rio Gregório**



O **Diz Aí** durou seis meses! Esse tempo passou tão rápido. Eu era uma das pessoas que não gostavam de reuniões. Participar do **Diz Aí** me fez gostar, me ver participando de alguma coisa relevante me fez querer continuar a participar de ações no meu território.

**Doriana da Silva - Diz Aí Resex do Rio Gregório**



Eu tenho ansiedade e fiquei muito nervosa no primeiro dia de aula. Não sabia se iria conseguir participar. Foi uma superação estar presente, participar dos encontros, me expressar, me sentir à vontade para ser quem eu sou. Esse foi o acolhimento que recebi do grupo todo, é muito bom fazer parte de algo assim. Para mim, o **Diz Aí** foi uma superação, eu tenho orgulho do que consegui fazer.

**Arlete da Silva - Diz Aí Resex do Rio Gregório**



Com o **Diz Aí** eu aprendi sobre técnicas de gravação e enquadramento, aprendi a contar histórias no audiovisual, porque a nossa história importa! Esse é um aprendizado que vou levar para vida toda.

**Natalina do Nascimento - Diz Aí Resex do Rio Gregório**



## MAPA DAS ESCUTAS

### Serra Pelada (PA)

Uma das principais críticas das juventudes de Serra Pelada está na fixação das narrativas sobre o território. A percepção é de que elas estão sedimentadas nos sonhos do passado e na projeção de sonhos de futuro que, por muitas vezes, desconsideram a presença e a experiência das juventudes no presente.

Os jovens desejam contar uma nova história de Serra Pelada, que reconhece a experiência do garimpo (passado) a partir do presente (vivências cotidianas), levando em conta suas transformações e as atuais condições de vida.

Os participantes criticam os filmes produzidos sobre Serra Pelada, por considerarem que as narrativas e imagem exploram apenas a miséria e a prostituição.

Durante as formações em Serra Pelada, a escuta das juventudes revelou tanto desafios quanto percepções sobre o território e propostas de ação coletiva:

- Ausência de expectativa profissional, como se deixar o território fosse a única solução possível.
- Temas como educação (dificuldade de dar continuidade aos estudos) e mobilidade (precariedade da infraestrutura de transporte) aparecem entre os grandes desafios enfrentados pelos jovens.
- O sentimento de orgulho e pertencimento está presente nas falas, assim como o reconhecimento das belezas naturais do local.
- Há uma preocupação com a velhice e com o envelhecimento, sobretudo diante da alta quantidade de idosos oriundos do garimpo que vivem sozinhos.
- Os jovens também ressaltam a importância de dar visibilidade às narrativas das mulheres sobre Serra Pelada.
- Entre as propostas levantadas, estão a criação e articulação de um comitê juvenil para acompanhar políticas públicas, promover escutas e apresentar projetos. A criação de uma Casa de Cultura, com a participação direta dos jovens, também foi sugerida.





## São Luís (MA)

Entre os principais desafios apontados pelos jovens em relação ao território, estão questões como a insegurança pública, a discriminação racial e cultural, e a necessidade de preservação ambiental.

- Durante as escutas, foi enfatizada a importância do desenvolvimento de políticas públicas que assegurem os direitos da população local.
- No campo da preservação ambiental, os jovens propuseram programas de conscientização e educação ambiental nas escolas, com trabalho focado na preservação dos rios. Demonstraram grande preocupação com o acesso à água potável e com a regularidade no abastecimento.
- Programas e projetos de valorização da cultura local, de educação antirracista e de educação ambiental foram propostos como soluções para os desafios vivenciados pelas comunidades, no que diz respeito à discriminação e ao preconceito.



## Resex do Rio Gregório (AM)

A principal questão levantada pelos participantes durante as escutas se relaciona à educação. As juventudes demandam a implantação de uma escola de ensino médio na reserva, visando à continuidade dos estudos, com regularidade do calendário escolar.

Além da educação, outros temas aparecem como desafios:

- Preservação ambiental.
- Saúde.

Como proposições estão:

- A mobilização da opinião pública sobre a importância da implantação de uma escola de ensino médio na Resex do Rio Gregório, com aulas distribuídas nas comunidades-polo, para possibilitar o acesso dos comunitários de diferentes localidades da reserva.
- A criação de um programa de educação ambiental, que fomente a conscientização das comunidades que margeiam o rio Gregório, para além da reserva. Os jovens se preocupam com o impacto do descarte do lixo nos rios.
- Em relação à saúde, a reforma dos postos existentes, a disponibilidade de medicamentos geridos por lideranças ou agentes de saúde da comunidade e um calendário regular de atendimento presencial, nas três comunidades-polo da reserva.





## Tucumã (PA)

A partir dos eixos de formação do **Diz Á Juventudes**, a escuta com os(as) participantes revelou as seguintes percepções sobre os desafios e preocupações com o território:

- Alto custo de vida e escassez de áreas de lazer;
- Falta de equipamentos para exames em hospitais e postos de saúde, além de baixa disponibilidade de médicos e outros especialistas;
- Falta de saneamento e de abastecimento de água em algumas regiões;
- Baixa acessibilidade para PCDs no transporte público e falta de fiscalização no trânsito;
- Iluminação precária e aumento da violência urbana;
- Inexistência de instituições de ensino superior e profissional e superlotação nas escolas de ensino médio.

A partir do diálogo com a turma, a linha narrativa proposta pelos jovens considerou os seguintes tópicos:

### Reconhecimento da história

- A presença indígena da etnia Kayapó: processo de migração a partir do Rio de Janeiro e adjacências, como fuga do colonialismo;
- Os pioneiros: migração de pessoas das mais diversas regiões do país, a partir dos projetos de desenvolvimento econômico do governo militar.

### Mapeamento do presente

- População diversificada, oriunda de várias regiões do país, produziu em Tucumã uma encruzilhada cultural;
- As principais atividades econômicas são a mineração e a produção de cacau.
- Aos jovens fica a questão: migrar para melhorar?

### Construção do futuro

- Sonhos e anseios de melhoria de vida: migrar, estudar e voltar;
- Como construir a cidade? Modernização e investimentos no território;
- Educação pública universal e de qualidade.





# transformar em ação

Esta seção conta com propostas de atividades e oficinas com diferentes abordagens. O objetivo é facilitar a reflexão sobre o tema.





## METODOLOGIA DIZ AÍ JUVENTUDES E ALGUNS APRENDIZADOS

Como uma formação em mobilização social, o **Diz Aí** utiliza o audiovisual como ferramenta para a criação de narrativas com as juventudes sobre os seus territórios, promovendo espaços democráticos de diálogos e convivência.

O escopo de realização do projeto está organizado em quatro etapas:

1. **Mapeamento inicial:** levantamento de dados sobre os territórios, dando conta das necessidades e potencialidades das comunidades envolvidas. Identificação de instituições, agentes e atores locais. Mapeamento de práticas, vocações e lideranças juvenis nos territórios;
2. **Oficinas temáticas:** realização de oficinas sobre produção audiovisual, liderança, mobilização social, direitos humanos e outras temáticas transversais, mapeadas antes e durante as formações. Nesse sentido, é importante que os educadores das oficinas estejam atentos às discussões e demandas dos participantes, uma vez que cada atividade nutre o planejamento pedagógico das atividades subsequentes. As oficinas são, também, um espaço de discussão e troca de experiências entre os jovens, promovendo a reflexão crítica e a construção coletiva de soluções;
3. **Projetos práticos:** desenvolvimento de projetos audiovisuais que abordem questões locais, incentivando os jovens a aplicarem na prática o conhecimento adquirido;
4. **Disseminação:** compartilhamento dos conteúdos produzidos por meio de plataformas digitais e eventos de devolutiva à comunidade.

As oficinas do **Diz Aí** combinam formações técnicas do campo audiovisual com formações para a cidadania, considerando os sujeitos em sua integralidade. A metodologia pedagógica é orientada pelos princípios da educação popular e da educação midiática, considerando:

- A participação ativa dos sujeitos envolvidos no processo formativo, valorizando suas experiências e conhecimentos prévios;
- O diálogo entre educadores e educandos, criando um ambiente de troca mútua e respeito;
- A contextualização das atividades em cada território da formação, considerando aspectos sociais, culturais e econômicos, com conteúdo e metodologias adaptados às suas realidades. A contextualização orienta a curadoria de objetos de aprendizagem utilizados nas oficinas, evocando as potências criativas de cada território, além de reconhecer saberes articulados por lideranças e mestres(as) dos territórios onde são realizadas as atividades;
- A emancipação e cooperação com o desenvolvimento de habilidades que promovam a percepção das juventudes como agentes de transformação social, fortalecendo os laços comunitários entre os participantes e a rede sociopedagógica de cada território;
- A reflexão crítica sobre a realidade dos territórios e das condições de vida, considerando as questões locais e nacionais.

Os princípios da educação midiática colaboram para orientar as proposições de atividades e reflexão sobre as mídias, funcionando como uma matriz pedagógica para o desenvolvimento das oficinas, tendo como nortes:

- A democratização do **acesso** a dispositivos e ferramentas para consumir e criar mídia;
- O desenvolvimento de habilidades para **analisar** criticamente o conteúdo midiático, identificando vieses e intenções;
- A **avaliação** de credibilidade e qualidade das informações e fontes midiáticas;
- A **criação** de conteúdo midiático de forma ética e responsável, a partir de diversas plataformas e formatos, com o intuito de gerar impactos positivos para a comunidade e para a sociedade como um todo.



## Rede sociopedagógica

Nesta edição do **Diz Aí**, foram realizadas oficinas em modalidade híbrida, com encontros presenciais e on-line. No entanto, o formato do programa é aberto e adaptável, podendo ser ajustado às diferentes realidades e às escutas específicas de cada território. Na realização do projeto, a rede sociopedagógica (apresentada na seção “Multiplicar”) foi fundamental para a definição dos critérios de seleção dos jovens, cronograma das atividades, mobilização das juventudes para a inscrição no projeto, além de proporcionar o suporte necessário para a realização das atividades em campo e para a continuidade no acompanhamento dos(as) participantes após a conclusão das atividades, criando novas oportunidades de inclusão das juventudes.

## Equipe

A definição da equipe do projeto é um fator essencial para a qualidade e efetividade das formações. Apresentamos a seguir um conjunto de boas práticas aprendidas na realização do **Diz Aí**:

- A pessoa coordenadora do projeto também deve observar e orientar pedagogicamente a equipe. O envolvimento com o território e com a jornada dos jovens é essencial para um bom planejamento das atividades.
- É um dever de toda a equipe conhecer cada participante pelo nome, conhecer sua trajetória, seus desafios e potencialidades. Esse envolvimento é fundamental para o engajamento das juventudes no processo formativo (muitas vezes, isso pode determinar o sucesso da experiência, sobretudo em jornadas on-line). É preciso demonstrar a importância de cada participante no ecossistema do projeto e valorizar as potencialidades de cada sujeito para o coletivo.
- Nesta edição do **Diz Aí**, a composição da equipe formadora considerou quatro papéis: coordenação do projeto, coordenação pedagógica, educação social e educação audiovisual. Com a realização das oficinas em quatro territórios diferentes, foram contratadas duas pessoas educadoras para cada território, com orientação das coordenadoras para garantir a convergência metodológica. Nas atividades on-line foram convidados outros(as) profissionais de acordo com a especificidade e expertise na temática.
- De preferência, a equipe formadora deve ser oriunda do território, do estado ou da região onde o projeto será realizado.
- Para a gravação da série audiovisual com os jovens, uma produtora ou

um videomaker são contratados para dar suporte e orientar a captação. A equipe audiovisual deve estar presente na formação com os jovens, uma vez que a série é coproduzida com os participantes e desenvolvida durante as formações. É preferível que a pessoa educadora audiovisual faça parte dessa equipe de captação. Além disso, idealmente, a captação deverá ser realizada em dois momentos, durante as formações presenciais e logo após a conclusão da jornada formativa. A organização da captação em dois momentos possibilita uma maior maturidade de desenvolvimento da narrativa e de encontro com as personagens.

- A abertura das atividades com as turmas deve incluir a apresentação do **Diz Aí** e da equipe formadora, além da exibição de um dos episódios das temporadas anteriores do projeto, para que a turma se sinta parte de uma rede. Além disso, é preciso reservar um momento para que os participantes também se apresentem e falem de suas expectativas quanto à formação.
- Sempre que possível, promover momentos coletivos de alimentação, de acordo com o cronograma das atividades (café da manhã, almoço, lanche etc.). Alimentar-se em coletivo faz parte da metodologia que estimula a construção de redes e trocas espontâneas.
- É importante iniciar as atividades fazendo uma recapitulação, ou seja, uma síntese das discussões anteriores, como um momento de revisão.





Indicadores de monitoramento e avaliação

| OBJETIVO ESTRATÉGICO                                                                                                                                                                                                                  | INDICADOR                                                                                                                                                                                      | INSTRUMENTO               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|
| <b>ALCANCE</b><br>Expressa o alcance de metas estabelecido pelas iniciativas e a focalização do público.                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                |                           |
| Levar formação em mobilização social para jovens, utilizando o audiovisual como dispositivo para a criação de narrativas sobre os seus territórios (Garantir a participação por diversidade de gênero, cor e raça, escolaridade etc.) | Número e perfil de jovens participantes do projeto                                                                                                                                             | Questionário de perfil    |
| <b>QUALIDADE</b><br>Expressa o alinhamento com diretrizes e políticas públicas e a qualidade das iniciativas para atender as necessidades do público final e dos parceiros, visando resultados.                                       |                                                                                                                                                                                                |                           |
| Formação audiovisual alinhada a discussão de enfrentamento a pobreza (ODS 1), tendo como objetivo a ampliação e difusão da temática por meio da comunicação.                                                                          | % de jovens que afirmaram que a semana de imersão contribuiu para:<br><br>a) reflexão do enfrentamento a pobreza;<br><br>b) utilização do audiovisual como elemento agregador e visibilizador. | Questionário de avaliação |

| OBJETIVO ESTRATÉGICO                                                                                                                                                                       | INDICADOR                                                                                                                                                                                                   | INSTRUMENTO                                                                  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| <b>EFETIVIDADE</b><br>Expressa em que medida as iniciativas entregam os resultados planejados alinhados com as causas e com o propósito da organização.                                    |                                                                                                                                                                                                             |                                                                              |
| [1] Aprimorar competências no campo audiovisual e produzir um curta-metragem<br><br>[2] Recomendação do projeto (pelas juventudes mobilizadas)                                             | [1] a) Percepção dos jovens sobre a relevância da formação para desenvolver ou aprimorar competências de comunicação;<br><br>b) Desenvolvimento de produto audiovisual.<br><br>[2] Net Promoter Score (NPS) | [1] [2] Questionário de avaliação;<br><br>[1] Entrega do produto audiovisual |
| <b>ARTICULAÇÃO</b><br>Expressa em que medida as articulações e parcerias fortalecem a atuação da instituição nas causas de Inclusão Educacional e Produtiva.                               |                                                                                                                                                                                                             |                                                                              |
| Fortalecer parcerias e redes de colaboração entre universidades, organizações da sociedade civil e outros atores locais para expandir a promoção de diálogos e trocas entre as juventudes. | Número, diversidade e abrangência das parcerias estabelecidas                                                                                                                                               | Mapa de parcerias                                                            |



| OBJETIVO ESTRATÉGICO                                                                                                                                                                                                                  | INDICADOR                                                                                                                                                                  | INSTRUMENTO               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|
| <b>SUSTENTABILIDADE</b><br>Expressa em que medida o legado (recursos humanos e materiais) fortalecem a continuidade de atuação da instituição na causa.                                                                               |                                                                                                                                                                            |                           |
| Incentivar a continuidade e a capilaridade das iniciativas nos territórios, dando condições para que os jovens iniciantes no audiovisual tenham autonomia para prosseguir com o desenvolvimento de suas competências como lideranças. | % de jovens que afirmaram que a semana de imersão contribui para estimular a sua atuação como liderança comunitária e multiplicadora para disseminar o conteúdo aprendido. | Questionário de avaliação |

### Cartografia das oficinas

O cronograma de atividades foi estabelecido com cada território, com o apoio da rede sociopedagógica. Nesta edição, as atividades e oficinas ocorreram num formato híbrido. Nos encontros on-line, sempre que possível, unificamos as turmas com o objetivo de propiciar intercâmbios e trocas de experiências entre os participantes e as vivências territoriais. A etapa remota das formações começou com encontros mensais, que depois se transformaram em quinzenais.

Para fins de multiplicação, o formato e o sequenciamento da programação podem ser adaptados de acordo com as oportunidades e realidade de cada território.

| MÊS 1<br>PRESENCIAL                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | MÊS 2<br>ONLINE                    | MÊS 3<br>ONLINE                                | MÊS 4<br>ONLINE                 | MÊS 5<br>ONLINE                                     | MÊS 6<br>ONLINE        | MÊS 7<br>ONLINE                  | EVENTO<br>DE PRÉ-<br>ESTREIA<br>DA SÉRIE<br>NOS TER-<br>RITÓRIOS                                                    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|------------------------------------------------|---------------------------------|-----------------------------------------------------|------------------------|----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Imersão com oficinas presenciais. Eixos programáticos:<br><br>1. Identidades, territorialidade e pertencimento<br><br>2. Mobilização social e território<br><br>3. Audiovisual - imagens que contam histórias<br><br>4. Roteiro ágil e edição<br><br>5. Como contar a nossa história?<br><br>6. Prática audiovisual | Story-telling e roteiro documental | Mentorias - story-telling e roteiro documental | Captação sonora com celular     | Mídias digitais                                     | Formação de lideranças | Avaliação e encerramento digital | Evento de devolutiva nos territórios, com a pré-estreia da série <b>Diz Aí Juventudes</b> , cocriada com as turmas. |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                    |                                                | Direção e direção de fotografia | Pitch e mentoria dos vídeos produzidos pelos jovens | Elaboração de projetos |                                  |                                                                                                                     |



## ATIVIDADES

A seguir, apresentamos uma seleção de atividades e dinâmicas realizadas durante os encontros presenciais. Vale ressaltar que optamos por não descrever todas as ações desenvolvidas, a fim de evitar uma exposição exaustiva. As dinâmicas registradas foram escolhidas com base em seu potencial de multiplicação.

As atividades presenciais foram organizadas em eixos programáticos:

### Identities, territorialidade e pertencimento

Quem eu sou, onde estou: reconhecimento das identidades e das múltiplas vivências das juventudes no território.

### Mobilização social e território

Construção coletiva de perspectivas para a mobilização social, mapeamento dos desafios e oportunidades percebidas pelos jovens nos territórios.

### Audiovisual - imagens que contam histórias

Linguagens cinematográficas, direção, plano e movimentos de câmera, pesquisa de conteúdo, criação de narrativas, desenvolvimento de tema, *longline* e sinopse.

### Roteiro ágil e edição

Ciberativismo, engajamento de público e mobilização em territórios digitais. Elaboração, gravação e edição de vídeos para redes sociais.

### Como contar a nossa história?

Definição de tema, sinopse, personagens e locações para cocriação do documentário da turma.

### Prática audiovisual

Gravação de entrevistas e imagens de cobertura.

## Atividades

### 1. Equipe de cobertura

#### Objetivos:

- Vivenciar a prática do jornalismo na cobertura de um fato;
- Avaliar e registrar a formação do dia.

#### Dinâmica:

Escolher, sortear ou solicitar quatro voluntários da turma para desempenhar os seguintes papéis:

**Âncora** - pessoa responsável por apresentar a notícia/informação;

**Redação** - pessoa responsável por anotar os principais tópicos da aula e elaborar o roteiro do vídeo, juntamente com a pessoa que tem a função de âncora;

**Fotografia** - pessoa responsável por produzir imagens estáticas do dia da formação;

**Videomaker** - pessoa responsável por captar imagens de cobertura durante a formação e por gravar o vídeo de depoimento da equipe.

Ao final do dia de formação, os(as) participantes são convidados(as) a fazer uma roda de avaliação da experiência. Primeiro, cada um dos integrantes da equipe de cobertura diz uma palavra que sintetize como foi a formação. Na sequência, o restante da turma pode tanto concordar com as avaliações quanto discordar delas, sugerindo novas palavras e explicando sua motivação. Ao final, a equipe de cobertura grava um vídeo de cobertura da formação, de até 1 minuto, com cada integrante desempenhando seu papel pré-estabelecido. Todos os dias, no início da formação, uma nova equipe de cobertura é formada.



## 2. Batizado mineiro (adaptação de exercício do Teatro do Oprimido)

**Eixo:** identidades, territorialidade e pertencimento

### Objetivos:

- Fortalecer a identidade, o pertencimento e a escuta mútua entre os jovens por meio de uma apresentação criativa e afetiva;
- Proporcionar acolhimento e integração.

### Dinâmica:

A atividade se inicia com a pessoa facilitadora da atividade explicando a dinâmica.

Todos de pé em círculo: cada um, em sequência, dá dois passos à frente, diz seu nome, seu pronome pessoal (identidade de gênero), uma palavra que caracteriza sua personalidade e uma comida de que gosta. Ao verbalizar, a pessoa deve criar um movimento rítmico (fazer um gesto). A cada apresentação, os demais repetem o nome, o pronome, a palavra, a comida e o movimento. Depois de todos se apresentarem, volta-se ao primeiro, que fica neutro, e os demais devem se lembrar do nome, do pronome, da palavra, da comida e do movimento.

## 3. Nossa identidade (exercício desenvolvido pelo IDBR - adaptado para a oficina)

**Eixo:** identidades, territorialidade e pertencimento

### Objetivos:

- Desenvolver a percepção das diferenças de trajetória dos participantes, estimulando o reconhecimento dos indivíduos dentro do coletivo;
- Analisar e debater as desigualdades sociais e geográficas, considerando questões como racismo, ausências e privilégios na sociedade;
- Elaborar pensamento crítico sobre as dinâmicas sociais e as diversas realidades brasileiras;
- Democratizar o debate sobre desigualdades no Brasil, visando à transformação social.

### Dinâmica:

Imagine um jogo em que os próprios participantes são peças que se movem de acordo com suas histórias de vida. A cada passada, uma lembrança, um desejo que não se concretiza ou uma oportunidade a ser aproveitada.

Coloque todos os participantes alinhados em um ponto de partida, um ao lado do outro, olhando para frente. É necessário ter um espaço considerável para frente e para trás da linha inicial. Se possível, desenhe várias linhas no chão.

Inicie a dinâmica propondo que os participantes respondam com o corpo a uma série de comandos, dando um passo à frente ou para trás, de acordo com as suas experiências. As proposições podem ser adaptadas de acordo com as referências locais.

1. Se sua família esteve presente em sua infância e adolescência, dê um passo adiante.
2. Se seus familiares/responsáveis não apoiaram suas escolhas, passo atrás.
3. Se seus pais trabalharam durante finais de semana para sustentar sua família ou se seus responsáveis na infância passaram mais tempo fora trabalhando do que com você em seus tempos livres, dê um passo para trás.
4. Se você não conhece a origem da sua família, dê um passo atrás.
5. Se seus pais têm nível superior, dê um passo adiante.
6. Se sua casa já encheu de água ou se já perdeu algum bem por morar em área de risco, dê um passo para trás.
7. Se nunca precisou de programas do governo (Bolsa Família; Auxílio Brasil; Minha Casa, Minha Vida; auxílio emergencial etc.), passo adiante.
8. Se concluiu o ensino médio ou está na graduação, um passo à frente.
9. Se você teve problemas para fazer amigos na escola ou arranjar emprego em razão da sua raça, dê um passo para trás.
10. Se já ouviu piadas por conta da cor da sua pele ou tipo de cabelo, dê um passo para trás.
11. Se já sofreu por bullying ou piadas por conta de aspectos em você que não poderia mudar, dê um passo para trás.
12. Se já desejou ter outra cor de pele, dê um passo para trás.
13. Se você pode manifestar carinho e afeto pelo seu par romântico em público sem medo de represália, ridicularização ou violência, dê um passo para frente.
14. Se já teve que mentir para a família por ter um relacionamento com pessoa do mesmo gênero, dê um passo atrás.
15. Se já se sentiu alvo de olhares ou comportamentos indesejáveis por usar roupas curtas ou apertadas, dê um passo atrás.
16. Se acha que nunca perdeu emprego ou outras oportunidades somente por seu gênero, dê um passo à frente.



17. Se já teve vergonha de suas roupas e/ou de sua casa na adolescência, dê um passo para trás.
18. Se foi diagnosticado com alguma deficiência física ou mental, dê um passo para trás.
19. Se usufrui de feriados por conta de dias importantes para sua religião, dê um passo para frente.
20. Se tem acesso fácil a um médico toda vez que precisa, dê um passo para frente.
21. Se você pode se locomover no seu bairro sem medo de sofrer bullying (por raça, cabelo, religião, sexualidade), abuso ou violência sexual, dê um passo adiante.
22. Se você precisa conciliar estudo e trabalho para ajudar no sustento da sua família, dê um passo atrás.
23. Se teve livros infantis e infanto-juvenis para leitura extraclasse ou brinquedos próprios durante sua infância, um passo adiante.
24. Se você tem acesso a equipamentos culturais ou costuma frequentar espetáculos artísticos, dê dois passos à frente.
25. Já ficou sem dinheiro para ter uma alimentação saudável e variada, dê um passo para trás.
26. Alguma vez você comeu menos do que achou que devia porque não havia dinheiro suficiente para comprar comida, dê dois passos para trás.

Após a conclusão, promova uma reflexão sobre os sentimentos despertados (por que os participantes acham que essas proposições foram feitas? O que acham que elas significam?), as diferentes posições ocupadas e as distâncias entre cada pessoa no jogo, bem como a forma como esse mesmo arranjo se reflete na sociedade brasileira.

Este é um bom momento para aprofundar a discussão com dados e evidências contextualizadas sobre as desigualdades sociais, estimulando que os participantes relatem suas vivências no território.

#### 4. Equilíbrio do globo

**Eixo:** mobilização social e território

**Objetivo:**

- Desenvolver habilidades de cooperação e a percepção sobre a importância do trabalho coletivo.

**Dinâmica:**

Peça aos participantes para se organizarem em equipes – cada grupo receberá uma bexiga. Em roda, os membros das equipes deverão segurar a mesma bexiga, sem deixá-la cair. Cada pessoa pode usar apenas um dedo. Com todos posicionados, o facilitador inicia a dinâmica, lançando comandos:

Agachem-se. Podem subir.  
Dois passos para a direita.  
Cinco passos para a esquerda.  
Agachem-se. Podem subir.  
Deem um salto.  
Cinco passos para a esquerda.  
Correndo para a direita.  
Agachem-se.  
Corram para a esquerda.  
Todos ao centro.  
Voltem à posição inicial.  
Deem um salto.

A atividade se encerra com uma breve conversa sobre a importância do trabalho coletivo para a sustentação do objetivo do grupo.

#### 5. Nó humano

**Eixo:** mobilização social e território

**Objetivo:**

- Compreender a importância da ação coletiva organizada para a resolução de problemas.

**Dinâmica:**

1. Forme um grande círculo com a turma.
2. Cada participante cruza as mãos, segurando a mão do colega ao lado. A ideia é formar um “nó humano”.
3. A pessoa facilitadora faz uma contagem regressiva para iniciar a atividade.
4. O desafio é que o grupo trabalhe coletivamente para conquistar a liberdade, ou seja, desfazer o nó, sem soltar as mãos e sem dizer uma só palavra.



### Reflexão pós-atividade:

Realizar uma roda de conversa para refletir sobre a experiência:

- Como os participantes se sentiram durante a tarefa?
- Qual estratégia foi adotada para desfazer o nó?
- A atividade poderia ter sido concluída de outra maneira?

A facilitação provoca reflexões sobre a importância da cooperação e organização coletiva na resolução de problemas, usando exemplos do cotidiano. Aproveite para introduzir reflexões sobre a participação política e a garantia de direitos, com algumas perguntas que podem provocar o debate, como “O que significa cidadania para você?” e “O que são direitos?”. Apresentar brevemente o Estatuto das Juventudes (2013).

### 6. Reconhecer o território - o vivido e o sonhado

**Eixo:** mobilização social e território

#### Objetivos:

- Compreender e analisar conceitos como direito à cidade, mobilidade e circulação;
- Reconhecer-se como parte de um território e estimular o debate sobre os espaços e as vivências das juventudes.

#### Dinâmica:

Organize a turma em grupos. Na sequência, distribua para cada equipe duas cópias do mapa da região, com os contornos e limites da localidade, além de pilotos/canetas de duas cores diferentes (azul e vermelho).

No mapa 1, com o piloto vermelho, os grupos devem construir o território/comunidade em que vivem.

a) Todos os integrantes devem sinalizar no mapa:

- Onde moram.
- Trajeto e deslocamentos frequentes, incluindo como se deslocam (ônibus, carro, bicicleta, a pé, moto, entre outros).
- Locais que costumam frequentar.

b) Os participantes devem discutir entre si e optar pelas referências a serem sinalizadas:

- Principais pontos de referência da sua comunidade/território.
- Onde costumam se divertir.
- Manifestações culturais relevantes para o grupo.
- Onde se sentem à vontade para circular/onde não se sentem à vontade para circular.

Fora do mapa, os grupos também devem indicar quais são seus territórios digitais. Eles podem sinalizar, por exemplo, redes, plataformas, grupos ou sites que costumam consumir ou de que participam.

No mapa 2, com o piloto azul, os grupos devem projetar o território sonhado. Sinalizar no mapa:

- O que tem e como é a cidade sonhada pela comunidade?
- O que deveria ter? O que poderia acontecer?
- Quais espaços desejariam que fossem construídos pelo poder público e pela comunidade? É possível citar, por exemplo, espaços culturais, de lazer, projetos sociais, infraestrutura, entre outros.

Por fim, o grupo deve refletir e responder, em síntese, às seguintes perguntas:

- O que é território?
- Quais são os espaços de juventude nesta cidade?
- Como se sentem sendo jovens nesta cidade?



Os grupos terão 40 minutos para elaborar a atividade. Decorrido o tempo, passa-se para o momento da socialização, em que cada grupo terá até 10 minutos para apresentar seus mapas e a síntese das reflexões.

Para finalizar a atividade, os formadores refletem com a turma sobre questões como mobilidade, pertencimento (geográfico, social, cultural), ocupação do espaço público, entre outras provocações.

### 7. Dinâmica da árvore

**Eixo:** mobilização social e território

#### Objetivos:

- Desenvolver pensamento crítico a partir da resolução de problemas;
- Compreender e analisar questões a partir de diferentes perspectivas;
- Rastrear, a partir da relação de causa e efeito, a origem de problemas sociais;
- Propor soluções com base em problemas reais.

#### Dinâmica:

A dinâmica consiste na construção de uma árvore de problemas e soluções, a partir do rastreamento de causa e efeito.

A turma deverá ser organizada em grupos, e cada grupo receberá uma folha (a partir de tamanho A3) com o contorno de uma árvore. As equipes deverão debater e listar na árvore:

- Até quatro problemas que afetam a comunidade em que vivem (raízes);
- Pelo menos uma causa para cada problema (caule);
- Pelo menos uma solução para cada problema/causa (frutos).

Os grupos terão 50 minutos para discutir, podendo realizar pesquisas na internet para embasar os argumentos com dados e evidências. Os grupos deverão refletir, ainda, se o problema identificado impede a realização/concretização dos sonhos e desejos de seus integrantes. Após a realização da atividade, as equipes socializam

suas elaborações para o coletivo. Ao final, os formadores deverão realizar uma síntese dos principais tópicos apresentados pelos grupos, abrangendo sinergias e diferenças, além de fomentar o debate com o acréscimo de dados e informações.

A atividade se encerra com uma discussão sobre participação e mobilização social e os seus impactos na transformação de realidades.

### 8. Telefone sem fio

**Eixo:** audiovisual - imagens que contam histórias

#### Objetivos:

- Introduzir reflexões sobre o poder da comunicação;
- Compreender aspectos da transmissão de mensagens e intencionalidades;
- Compreender e debater o fenômeno das *fake news*.

#### Dinâmica:

1. Formação do grupo: os participantes se organizam em fila ou em círculo.
2. Mensagem inicial: a primeira pessoa pensa em uma frase ou mensagem curta e a sussurra no ouvido do(a) colega ao lado.
3. Transmissão: cada participante sussurra a mensagem que ouviu para a próxima pessoa na fila, sem repetir ou pedir para ouvir novamente.
4. Mensagem final: a última pessoa anuncia em voz alta a mensagem que recebeu.
5. Comparação: a mensagem final é comparada com a mensagem inicial, geralmente resultando em uma versão bastante alterada e engraçada.

Após a realização da dinâmica, os formadores deverão refletir com a turma sobre a importância da comunicação, a dinâmica de transmissão da mensagem e sua intencionalidade. Este é um bom momento para uma conversa sobre *fake news*. Esta atividade poderá ser realizada com uma introdução à formação audiovisual.



## 9. Linguagem cinematográfica

**Eixo:** audiovisual - imagens que contam histórias

### Objetivos:

- Compreender as noções de cena, tipos de planos, movimentos de câmera;
- Compreender os sentidos e sentimentos empregados na narrativa cinematográfica, a partir da imagem.

### Dinâmica:

Realize esta atividade após a aula expositiva, com um estudo de caso sobre cenas, tipos de planos e movimentos de câmera. Organize a turma em grupos e proponha o desafio de criação de uma história com dez fotografias, explorando os conceitos dos planos estudados na introdução à linguagem cinematográfica. O objetivo é incentivar os(as) participantes a pensar audiovisualmente, aprendendo na prática a ambientar ações e cenas.

Com o uso de um celular, cada grupo deverá produzir dez fotografias com o objetivo de contar uma história. As fotografias devem ser numeradas em ordem de apresentação.

Após a realização da atividade, as imagens deverão ser projetadas na sequência prevista pelos grupos. Durante a apresentação, o(a) formador(a) deverá perguntar aos demais estudantes que história está sendo contada pelas imagens. Na sequência, perguntará ao grupo responsável pelo conjunto de fotos que narrativa foi proposta (intencionalidade).

Por fim, mude a ordem de exibição das imagens para debater com a turma se a história permanece a mesma. A ideia é evidenciar que imagens organizadas de maneiras diferentes refletem diferentes histórias e pontos de vista. Também é possível propor uma discussão sobre manipulação de narrativas.

## 10. História e memória do território

**Eixo:** identidades, territorialidade e pertencimento

### Objetivos:

- Identificar, valorizar e preservar a memória e o patrimônio sociocultural regional;
- Mapear as histórias da comunidade, a partir da percepção das juventudes;
- Fomentar o sentimento de pertencimento ao território.

### Dinâmica:

Organize a turma em grupos. Os(As) participantes deverão refletir sobre as memórias e histórias locais, agendas prioritárias e personagens importantes da região. Perguntas orientadoras do debate:

- O que torna a comunidade onde você vive única?
- Que história ou memória da sua comunidade deveria ser preservada/valorizada?
- Quais são as memórias de lutas do território? Existem coletivos e movimentos que incidem sobre os problemas? Quais?
- Identificar um ou mais personagens importantes do território que dizem respeito a essas memórias e histórias.

Os grupos deverão registrar suas respostas e posteriormente socializar na apresentação para toda a turma.

Os(As) formadores(as) deverão finalizar com a síntese das apresentações, fazendo uma leitura geral dos debates e questões levantadas pelos jovens nos encontros anteriores. Essa atividade é proposta como um preparatório para a atividade subsequente de definição do conteúdo da série audiovisual.



## 11. Definição de conteúdo de série

**Eixo:** como contar a nossa história?

### Objetivo:

- Valorizar a história e a memória locais, a partir da percepção dos jovens.

### Dinâmica:

Como contar a nossa história em 10 minutos? Que narrativa sobre o território a turma gostaria de ver nas telas? Relembre a turma das discussões apresentadas na atividade “História e memória do território”.

Organize a turma em grupos. Cada grupo deverá debater e registrar:

- Quais são os temas prioritários? Elencar até dois.
- Quais são os cenários? Elencar até três.
- Quais são os personagens? Elencar até cinco, considerando que ao menos dois deles devem ser da própria turma.

As respostas precisam ser embasadas com a motivação das escolhas. Após a definição, cada grupo deverá fazer uma apresentação para a turma, defendendo sua narrativa. Na sequência, em uma plenária, é hora de negociar, produzindo um consenso entre os grupos. A ideia é que, a partir da lista geral, a turma faça uma curadoria, definindo o que permanece e o que será excluído. Ao final, os alunos devem chegar a um consenso, com:

- Um tema prioritário.
- Até cinco cenários.
- Até cinco personagens (lembre-se de que pelo menos dois devem ser da própria turma).

A atividade é finalizada com a produção de uma sinopse a partir das definições coletivas. Feita a sinopse, o(a) educador(a) audiovisual deverá elaborar um roteiro para as gravações. Antes de partir para essa etapa, na qual cada aluno exerce uma

função específica no set de filmagem, proponha uma atividade de apuração sobre os personagens, elaboração de perguntas e treinamento do entrevistador.

## CURTAS EM DEBATE

As formações do **Diz Aí Juventudes** geram um curta documentário cocriado com os participantes. Os títulos são exibidos nas telas do Canal Futura e no Globoplay. A série de curtas tem sua pré-estreia em cada território, com a participação da comunidade.

Os curtas a seguir são o resultado da 16ª edição do projeto, realizado em São Luís (MA), Tucumã (PA), Serra Pelada (PA) e Resex do Rio Gregório (AM).

O material poderá funcionar como objeto de aprendizagem (exibição), fomentando o debate com novas turmas sobre sonhos, desejos e perspectivas de futuro. A identificação e o registro das memórias locais também estão na base do projeto.







★ **EDUARDA MELO**

Estudante



TUCUMÃ | DIZ AÍ JUVENTUDES



★ **CIDA SILVA**

Estudante, fotógrafa, guia turística e auxiliar operacional da



SERRA PELADA | DIZ AÍ JUVENTUDES



★ **FRANCISCO LIMA**

Jovem Liderança de Ubim



RESEX DO RIO GREGÓRIO | DIZ AÍ JUVENTUDES





# multiplicar

Nesta seção, compartilhamos os relatos da rede sociopedagógica envolvida na 16ª edição do **Diz Aí Juventudes**. São experiências e estratégias que evidenciam os esforços das organizações que toparam o desafio de construir alternativas para o enfrentamento da pobreza extrema e suas consequências.





## MARANHÃO - SÃO LUÍS



### Rede de Prosperidade Familiar - CIEDS

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Maranhão é um dos estados com a maior concentração de pessoas vivendo em situação de pobreza e extrema pobreza. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado é um dos mais baixos do Brasil há anos consecutivos.

O combate à pobreza exige esforço contínuo e intersetorial, bem como a participação ativa da sociedade civil. Trata-se de um fenômeno multidimensional e multifacetado que ultrapassa as condições de privação relacionadas à insuficiência de recursos econômicos, demandando o reconhecimento e a transformação de um complexo agrupamento de fatores estruturais e históricos. Por essa razão, requer estratégias conjuntas e integradas que abarquem suas múltiplas condicionantes.

Para enfrentar esses desafios, o Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS) há 26 anos se dedica a fortalecer o capital social dos territórios em que atua. Temos buscado contribuir para a construção de uma sociedade mais equitativa, democrática e com oportunidades para todos. Em São Luís (MA), por meio do projeto Rede de Prosperidade Familiar, firmamos parceria com 41 organizações de base comunitária do Itaqui-Bacanga e área rural, visando construir alternativas para apoiar o enfrentamento às situações de pobreza de 4 mil famílias. Por meio de auxílio técnico permanente e da garantia de aporte financeiro com repasse direto, as organizações sociais têm implementado ações de suporte a essas famílias, a partir de suas expertises, num trabalho articulado com diversos atores que contribuem para promover soluções que gerem impacto na melhoria da qualidade de vida e no incremento da efetivação das políticas públicas.

A metodologia impulsiona a capacidade de atuação dessas entidades para que sejam cocriadoras de estratégias para o desenvolvimento social e possam superar as vulnerabilidades diagnosticadas, sendo capazes de compreender profundamente a realidade local e construir propostas que viabilizem a efetivação de direitos a partir das demandas emergentes no cotidiano das comunidades.

O fortalecimento de organizações de base comunitária, a articulação em rede e a facilitação de um contexto de prosperidade são componentes essenciais para a construção de comunidades mais resilientes e autossustentáveis. A partir da articulação de ações coletivas, o apoio a essas iniciativas locais pode criar

um ciclo virtuoso de desenvolvimento que beneficia diretamente as famílias e os territórios. A prosperidade também envolve o fortalecimento da autoestima, o bem-estar social e o desenvolvimento pessoal, com foco no respeito às diversidades e no reconhecimento do protagonismo, das potencialidades de cada indivíduo e na preservação das suas identidades e autonomias. Assim, atuar em conjunto com organizações é priorizar uma abordagem ampla, colaborativa e centrada nas pessoas, disseminando valores de solidariedade, cooperação e justiça social e assegurando que elas sejam parte integrante dos processos de tomada de decisão.

Acreditar no trabalho dessas organizações e na tessitura de redes é entender que todos nos beneficiamos como sociedade de um modelo mais justo e equânime de desenvolvimento, que valoriza o poder local e estimula cada um e cada uma a ser agente ativo de sua própria prosperidade. O resultado disso são comunidades mais integradas, com maior coesão social e melhor capacidade de enfrentar os desafios de um futuro que não demora, pois, como diria o poeta, hoje é a semente do amanhã. Vamos lá fazer o que será!

### Instituto Formação

O Instituto Formação acredita que é possível transformar escassez em abundância. Para isso é necessário investir em pessoas. Se as pessoas têm oportunidades, elas se desenvolvem – não importa onde estejam. Muitos de nossos diretores e profissionais foram formados pela própria organização e iniciaram suas trajetórias profissionais como participantes dos projetos.

Ao longo de seus 25 anos de história, o instituto já concebeu, materializou e apoiou mais de 220 projetos, em ação cooperativa com centenas de parceiros e apoiadores, desde Secretarias de Educação, empresas, fundos, fundações e outros. Nesse percurso, têm sido acumuladas experiências na concepção e implementação de projetos de mobilização social, educacional, cultural, de esporte, desenvolvimento e cidadania, de mídias e tecnologias e de inclusão produtiva - econômica.

O Instituto Formação trabalha nos 217 municípios maranhenses e, de forma mais concentrada, em 60 territórios de 30 municípios, entre os quais está o Maracanã, região localizada na zona rural da capital maranhense e que tem sido impactada por projetos que potencializam a diversidade cultural e combatem vulnerabilidades sociais no território.

Os projetos implementados pelo Instituto Formação são plurais e contemplam as várias dimensões de enfrentamento à pobreza, como o projeto Voa



Maracanã, iniciativa da Vale, iniciado em novembro de 2023 com o objetivo de conectar 700 famílias de comunidades rurais para que possam melhorar suas vidas nos campos da educação, saúde, renda, nutrição, cultura e lazer. O projeto está organizado em três eixos estruturantes: acompanhamento familiar multidimensional; fortalecimento da agricultura com transferência das tecnologias da Embrapa; e mapeamento e fortalecimento da cultura local.

Para isso, são adotadas estratégias de mobilização por trilhas, aplicação de questionários de diagnóstico, articulação com os equipamentos públicos e a comunidade local, além de elaboração de um plano de acompanhamento familiar multidimensional com a participação ativa de cada família.

A estratégia de mobilização por trilhas é um método exitoso implementado pelo Instituto Formação desde sua experiência com o Selo Unicef nos mais de 200 municípios do Maranhão. No Voa Maracanã, as trilhas são divididas pelas localidades em que os profissionais do projeto, em parcerias com as lideranças locais, possam acompanhar cada família, dando atenção específica às suas necessidades.

As necessidades de cada família são identificadas pelo acompanhamento familiar multidimensional, instrumento por meio do qual os profissionais realizam atendimentos com todos os membros da família, e pelos questionários de diagnóstico. Os questionários são aplicados a cada três meses com as famílias para que se tenha um panorama geral a partir dos indicadores de renda, educação, saúde, infraestrutura e nutrição. A partir desses dados, são planejadas ações de enfrentamento aos indicadores negativos, como CadÚnico desatualizado, crianças fora da escola, insegurança alimentar, baixa vacinação etc. As ações, em sua maioria, são de caráter intersetorial, por meio da articulação com secretarias municipais e estaduais, bem como associações de moradores e centros comunitários.

Uma das primeiras grandes ações intersetoriais desenvolvidas pelo Voa Maracanã foi a Agenda Comunidade no Residencial Amendoeiras, que contou com mais de 1,5 mil pessoas, oferecendo atendimentos em saúde, atualização de CadÚnico, esporte, lazer, oficinas e escoamento de produção rural por meio da Feirinha da Agricultura Familiar e Economia Criativa. Após a realização da Agenda Comunidade, foram desenvolvidas ações pontuais com o mesmo formato nas trilhas, beneficiando não só as famílias do projeto, mas também a comunidade como um todo, tanto no acompanhamento familiar multidimensional como no escoamento dos produtos da agricultura familiar e economia criativa.

A participação dos jovens do projeto **Diz Aí Juventudes**, com o Canal Futura, foi um momento importante não só pelo mergulho nos roteiros do território, gerando documentários, mas pela preparação dos jovens para seguirem divulgando o lugar onde eles vivem. Mobilizar a juventude é uma das estratégias fundamentais para o sucesso de projetos que desejam ter longevidade, pois é importante que as novas gerações assumam os processos.

No Voa Maracanã, um dos nossos principais objetivos é justamente mobilizar as juventudes, no conjunto das 700 famílias contempladas pelo projeto, para uma escuta atenta do que precisam e de como desejam fortalecer o processo de melhorias de indicadores em suas comunidades.

## AMAZONAS - RESEX DO RIO GREGÓRIO

### Fundação Amazônia Sustentável

A Fundação Amazônia Sustentável (FAS) desenvolve o projeto “Erradicação da extrema pobreza na Amazônia: acompanhamento familiar multidimensional da Resex do Rio Gregório”, que tem como objetivo contribuir para o fim da pobreza extrema na Amazônia brasileira por meio da ampliação e adaptação de soluções sustentáveis. Entre as ações previstas estão a elaboração de um plano estratégico efetivo, a intensificação de iniciativas em territórios prioritários no Amazonas, a oferta de plataformas para a implementação de políticas públicas e a elevação de indicadores socioeconômicos, de prosperidade e de felicidade.

O projeto está estruturado em cinco eixos de atuação. São eles:

1. Empoderamento comunitário, que visa fortalecer as organizações sociais de base comunitária, estimular a consolidação das lideranças atuais e a formação de futuras lideranças ribeirinhas, especialmente mulheres e jovens;
2. Infraestrutura comunitária, com foco na melhoria de espaços e condições para o desenvolvimento de atividades sociais e no apoio a capacitações de gestão;



3. Agricultura sustentável (bioeconomia), para diversificar a produção para a segurança alimentar, a conservação ambiental e a geração de renda, e qualificar os agricultores familiares, extrativistas e pescadores artesanais por meio de técnicas e tecnologias aplicáveis, visando à redução de custos e à segurança e saúde laboral;
4. Monitoramento ambiental, para qualificar dados de satélite sobre a dinâmica de uso do solo, fortalecer a participação por meio de capacitação em gestão territorial e estabelecer um conjunto de ações estruturantes para prevenção e controle do desmatamento e focos de calor;
5. Acompanhamento familiar, com foco em visitas domiciliares realizadas pela equipe da FAS, aplicação de questionários voltados para o monitoramento da evolução dos indicadores acordados no projeto, atividades de escuta com beneficiários para avaliação e/ou coleta de demandas, produção de documento técnico e repasse das informações coletadas em campo para a Vale.

O projeto impacta diretamente 27 comunidades e 215 famílias dentro da Resex do Rio Gregório, no município de Eirunepé, no Amazonas, onde realizou uma série de atividades.

No eixo 1, já foram realizadas oficinas de apresentação do projeto; estruturação e contratação de um consultor das oficinas/treinamentos de empoderamento comunitário; oficina de elaboração do regimento comunitário; alinhamento com as secretarias municipais e estaduais para apoio ao projeto; e uma oficina de mobilização social e audiovisual do projeto **Diz Aí** (parceria com a Fundação Roberto Marinho), que contou com cerca de vinte bolsistas.

No eixo 2, já foram instalados pontos de conectividade à internet abastecidos com energia solar em seis comunidades; além de um sistema de iluminação e abastecimento de água em 15 comunidades.

No eixo 4, foram realizadas oficinas de monitoramento socioambiental participativo; contratação e capacitação de seis monitores socioambientais que residem na Resex Rio Gregório; aplicação dos formulários de roçados, produção agrícola, qualificação de focos de calor e madeira para autoabastecimento; treinamento no uso de ferramentas para validação dos focos de calor em campo; e elaboração de campanha para sensibilização de combate às queimadas.

No eixo 5, já foram feitas visitas domiciliares para aplicação dos questionários de monitoramento de pobreza multidimensional. Parte das visitas foi realizada em conjunto com a prefeitura, com foco em atendimento médico, aplicação de vacinas, emissão de documentos e atualização no CadÚnico.

Após as atividades realizadas, tivemos uma melhora no Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) em 134 famílias. Esse índice tem por finalidade mensurar a pobreza considerando não apenas a renda monetária, mas também outros tipos de privações sociais, econômicas e políticas.

Apesar dos desafios enfrentados ao longo do projeto – especialmente logísticos, uma vez que a sazonalidade dos rios impacta o deslocamento da equipe e a entrega de materiais –, os resultados obtidos indicam que estamos no caminho certo. As atividades desenvolvidas têm gerado benefícios concretos e contribuído para a melhoria da qualidade de vida das famílias que vivem na Resex do Rio Gregório.

## PARÁ - TUCUMÃ E SERRA PELADA

### Estação Conhecimento Tucumã

A Estação Conhecimento Tucumã é uma instituição mantida pela Fundação Vale, com apoio da Vale e outros parceiros, que atua no município de Tucumã desde sua fundação em outubro de 2008. Seu principal objetivo é contribuir para a redução das vulnerabilidades e melhoria da qualidade de vida das famílias a partir do desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, geração de oportunidades socioeducacionais e fortalecimento de redes comunitárias e de políticas públicas.

Entre os projetos implementados pela Estação Conhecimento Tucumã, em parceria com a Vale e a Fundação Vale, está o projeto de Acompanhamento Familiar Multidimensional (AFM), que oferece suporte às famílias em situação de pobreza extrema. O projeto conta ainda com investimentos complementares da empresa Hatch e é um dos 20 testes de conceito de combate à pobreza extrema desenvolvidos pela Vale em operação.

Partindo do entendimento de que a pobreza é um fenômeno multidimensional, o projeto mapeia famílias e identifica suas privações em cinco esferas: renda, infraestrutura, educação, saúde e nutrição. Um plano de ação é elaborado com as famílias e, a partir disso, se inicia um processo de acompanhamento e encaminhamento para políticas públicas e projetos sociais existentes no território.





Para isso, o projeto dispõe de uma equipe multidisciplinar formada por assistentes sociais, psicóloga, supervisor e coordenador, que atende hoje 246 famílias.

O Acompanhamento Familiar Multidimensional (AFM) realiza visitas domiciliares periódicas e propõe um olhar focalizado nas privações e no contexto de cada família. Por meio dessa escuta, podem emergir diversas questões, como insegurança alimentar, desemprego, exclusão escolar, problemas de saúde, violações de direitos, entre outros desafios.

As ações previstas no plano incluem orientações específicas; cursos de capacitação em áreas como panificação, confeitaria, costura, produção de materiais de limpeza e reaproveitamento de alimentos, realizados em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR); encaminhamentos para a rede socioassistencial do município de Tucumã, como a Secretaria de Saúde, CRAS, CREAS e SINE; além de ações temáticas que abordam questões sociais relacionadas à saúde, direitos humanos e educação, com palestras, dinâmicas e debates.

A participação de alguns atendidos pelo projeto no **Diz Aí Juventudes** fez parte desse repertório de ações, no sentido de reafirmar o protagonismo das famílias no processo de superação de vulnerabilidades, abrindo oportunidade para que aqueles que enfrentam privações compartilhem suas vivências, suas visões de mundo e, sobretudo, seus sonhos e potências de futuro.

### **Jornada Serra Pelada**

O projeto Jornada Serra Pelada é uma iniciativa da Vale, executada pelo Instituto Rede Terra, que tem como objetivo contribuir para que 294 famílias residentes na comunidade de Serra Pelada possam superar a condição de extrema pobreza. Por meio de uma abordagem metodológica que considera a pobreza um fenômeno complexo e multifacetado, o projeto realiza o acompanhamento multidimensional das famílias, cuja evolução no cenário de vulnerabilidades é avaliada por meio do Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) aplicado a cinco dimensões: educação, infraestrutura, nutrição, saúde e renda. As estratégias incluem, além do acompanhamento familiar, o fomento ao turismo de base comunitária, que busca fortalecer a geração de trabalho e renda local. A interlocução permanente com o poder público é uma premissa do projeto, visando à garantia do acesso das famílias a direitos e serviços essenciais. Além disso, o projeto dispõe de um fundo emergencial para atender às necessidades imediatas das famílias e investe em ações coletivas para fortalecer vínculos comunitários, com monitoramento e

avaliação contínuos, demonstrando uma abordagem abrangente e integrada para promover a transformação social.

O projeto tem como público prioritário as famílias residentes no distrito de Serra Pelada em situação de extrema pobreza. Nessa população, há uma atenção especial para grupos ainda mais vulneráveis, como jovens de 18 a 24 anos que não trabalham nem estudam, pessoas com deficiência, idosos e crianças. O projeto busca identificar e acompanhar as necessidades específicas de cada indivíduo e família, visando garantir o acesso a direitos sociais e promover a melhoria da qualidade de vida.

Embora o projeto enfrente desafios complexos, como a extrema pobreza, a falta de acesso a direitos básicos e os trâmites junto ao poder público, a forma como esses desafios são abordados demonstra uma busca por soluções inovadoras que possam gerar transformações no território. A identificação e o enfrentamento da insegurança alimentar, do baixo nível de escolaridade e do endividamento, por exemplo, são passos importantes para quebrar o ciclo da pobreza.

Os principais achados do projeto Jornada Serra Pelada revelam tanto as dificuldades enfrentadas pelas famílias quanto o enorme potencial de transformação existente no território. A identificação de vulnerabilidades como a falta de acesso à água potável, saneamento e saúde, bem como a insegurança alimentar, são pontos de partida para ações concretas e direcionadas. Ao mesmo tempo, o projeto identifica um grande potencial para o desenvolvimento do turismo de base comunitária, o engajamento da comunidade nas ações propostas e o interesse dos jovens em atividades sobre educação e mercado de trabalho. A criação do Comitê Técnico Intersetorial e o estabelecimento de vínculos de confiança entre a equipe técnica e as famílias também se destacam como achados positivos. Esses achados demonstram que, com o apoio e as oportunidades adequadas, a comunidade de Serra Pelada pode se tornar protagonista de sua própria transformação.

O projeto reconhece os jovens como um grupo prioritário para a transformação social. As estratégias para a juventude são multifacetadas e visam abordar suas necessidades específicas e potencialidades, considerando que juventude é um conceito plural. Uma estratégia adotada foi a identificação e acompanhamento individualizado de jovens em situação de vulnerabilidade, especialmente aqueles que não estudam nem trabalham, buscando sua reinserção escolar e oferecendo apoio para a conclusão do ensino médio. O projeto também se dedica a mapear e criar, permanentemente, oportunidades de capacitação e oportunidades de geração de renda, por meio de parcerias com empresas e instituições públicas e privadas. Além disso, o projeto busca sensibilizar e mobilizar os jovens,



oferecendo apoio para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e outros programas, considerando que o acesso aos estudos – e a permanência neles – é um desafio a ser superado.

Uma estratégia de aproximação e conexão com o público jovem foi a realização de um encontro na Praça da Juventude. O encontro foi realizado em outubro de 2024, e a programação incluiu boas-vindas, roda de conversa e sessão de cinema. Ademais, os jovens participantes preencheram uma ficha que nos ajudou a identificar seus interesses e traçar um plano de ação mais assertivo.

Outro ponto de destaque é a importância da parceria com políticas públicas e projetos voltados para a juventude, como o **Diz Aí**. Esse tipo de parceria soma esforços para a criação e implementação de ações para a juventude. Durante o processo de mobilização para as oficinas do **Diz Aí**, a equipe de campo se dedicou a apoiar a divulgação e inscrições como forma de incentivar o protagonismo juvenil e o desenvolvimento de habilidades de comunicação, expressão e mobilização social, utilizando o audiovisual como ferramenta para transformar suas realidades e promover o desenvolvimento local.



# créditos

## FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO

**Secretário-geral**  
João Alegria

**Superintendente de conhecimento**  
Rosalina Soares

**Superintendente de gestão**  
Carlos Carletto

**Gerente de produção e projetos**  
Sandra Sérgio

**Supervisão Canal Futura**  
Mariana Seivalos

**Líder de projetos**  
André Libonati  
Bruna Camargos  
Priscilla Pereira

**Supervisora de projetos e eventos**  
Joana Levy

**Produtora de eventos**  
Mariana Silva

**Coordenação de desenvolvimento institucional**  
Ludmila Figueiredo

**Coordenação de aquisições e licenciamento**  
Leonardo Campos

## VALE

**Vice-presidente de sustentabilidade**  
Malu Paiva

**Diretora de investimentos sociais**  
Flávia Constant

**Gerente de investimentos sociais**  
Lívia Zandonadi

## FICHA TÉCNICA

**Coordenação**  
Bruna Camargos

**Coordenação pedagógica**  
Lídia Rodrigues

**Educadores sociais**  
Anderson Mattos  
Noranathan Guimarães  
Robson Lopes

**Educadores audiovisual**  
Jessica Lauane  
Pedro Jorge Alcantara  
Leticia Vasconcelos  
João Albuquerque - Dzawi Filmes

**Direção, produção e edição audiovisual**  
Rafaela Gonçalves - Matraca Filmes  
Pedro Jorge Alcântara - Mbóia Produções  
Mady Costa

**Conteúdo**  
Bruna Camargos  
Eliana Sousa Silva  
Jaqueline Lima Santos  
Juliano Gonçalves Pereira  
Lídia Rodrigues  
Débora Garcia  
Noranathan Guimarães

**Redação**  
Ana Carolina de Oliveira Santana

**Revisão**  
Alexandre Caetano

**Projeto gráfico e diagramação**  
AOQUADRADO

**Agradecimento**  
Aos jovens e as comunidades que participaram de forma ativa em todas as etapas do projeto.

Aos parceiros  
Centro Cultural Vale Maranhão  
CIEDS  
Escola Municipal Rita Lima de Souza - Serra Pelada  
Estação Conhecimento de Tucumã  
Fundação Amazônia Sustentável  
Fundação Vale  
Fundo Vale  
Instituto Formação  
Parque Botânico Vale - Maranhão  
Rede Terra



REALIZAÇÃO:



Futura



VALE